



PUC-SP

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
**PUC-SP**

Giovanna Canha Crescitelli

**Quando as máquinas escrevem notícias**

Uma análise sobre os desafios éticos do uso da inteligência artificial no jornalismo

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Jornalismo

São Paulo

2024

Giovanna Canha Crescitelli

**Quando as máquinas escrevem notícias**

Uma análise sobre os desafios éticos do uso da inteligência artificial no jornalismo

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do prof. dr. Leonardo Sakamoto.

São Paulo

2024

Crescitelli, Giovanna Canha  
Quando as máquinas escrevem notícias Uma análise sobre os  
desafios éticos do uso da inteligência artificial no  
jornalismo. / Giovanna Canha Crescitelli. -- São Paulo:  
[s.n.], 2024.  
80p. ; cm.

Orientador: Leonardo Moretti Sakamoto.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo, Graduação em  
Administração, 2024.

1. Inteligência artificial. 2. jornalismo. 3. ética  
jornalística. 4. automação. I. Sakamoto, Leonardo Moretti .  
II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Trabalho  
de Conclusão de Curso para Graduação em Administração. III.  
Título.

CDD

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

*À comunidade da Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo pelo apoio  
permanente.*

## **AGRADEÇO**

ao meu orientador, Prof. Dr. Leonardo Sakamoto, pela incansável disposição ao me guiar nessa jornada um tanto confusa que é fazer um trabalho de conclusão de curso, por ter embarcado no meu projeto enquanto ele ainda não tinha uma “cara” e por todas as referências, indicações, livros e estudos compartilhados comigo que resultaram neste trabalho;

a todos os meus professores da grande Pontifícia Universidade Católica que me ajudaram a ressignificar o que é produzir conhecimento científico e iluminaram meu caminho mostrando tudo que posso trilhar e aonde posso chegar por meio dos estudos;

aos meus pais, os melhores professores que posso ter, e em especial a minha mãe que tornou possível que eu seja uma filha da PUC;

à Marcinha, minha companheira bichológica, e as amigas que encontrei pelo caminho; ambas me levantaram mais vezes do que eu posso contar.

*Para estimar as consequências sociais e culturais da nova técnica, é necessário ver a mídia como um todo, avaliar todos os diferentes meios de comunicação como interdependentes, tratando-os qual um pacote, um repertório, um sistema, ou o que os franceses chamam de "regime", seja ele autoritário, democrático, burocrático ou capitalista. (BURKE, 2006, p. 31).*

## RESUMO

CRESCITELLI, Giovanna Canha. **Quando as máquinas escrevem notícias:** Uma análise sobre os desafios éticos do uso da inteligência artificial no jornalismo

Neste trabalho, investiga-se a integração da inteligência artificial (IA) ao jornalismo, com o objetivo de entender se essa tecnologia está redefinindo as práticas jornalísticas e o papel dos jornalistas. A pesquisa é justificada pela crescente implementação de IA nas Redações e suas potenciais implicações para a profissão jornalística. A hipótese central é que, embora a IA possa aumentar a eficiência das operações jornalísticas, ela também traz desafios significativos, especialmente relacionados à ética e à manutenção da qualidade do conteúdo.

**Palavras-chave:** Inteligência artificial, jornalismo, ética jornalística, automação, análise de dados.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Como o ChatGPT entende e processa um texto	21
Quadro 2. Como máquinas aprendem	22
Quadro 3. Como você entende o texto?	22
Quadro 4. Experimentação com IA na mídia de notícias	25
Quadro 5. História do jornalismo marcada pelos saltos tecnológicos e seus impactos	37
Quadro 6. Características do jornalista Ciborgue	50
Quadro 7. Funções do jornalista Ciborgue	51

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Prioridades dos executivos de notícias na implementação de IA	21
Tabela 2. Percepção de risco nas diferentes utilizações da IA no jornalismo	23
Tabela 3. Novos papéis de IA e diretrizes nas Redações	24

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BU	Biblioteca Universitária
IA	Inteligência Artificial
NBR	Normas Técnicas Brasileiras
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
IA	Inteligência Artificial
LLMs	<i>Large Language Models</i>
GPT	<i>Generative Pre-trained Transformer</i>
SGE	<i>Search Generative Experience</i>
SEO	<i>Search Engine Optimization</i>
PEO	<i>Prompt Engine Optimization</i>

## SUMÁRIO

Objetivos e Metodologia	13
Introdução	15
<b>Máquinas que escrevem textos</b>	<b>17</b>
Inteligência Artificial Generativa	19
<b>Impacto da ia generativa nas Redações</b>	<b>24</b>
Ghost newsrooms	27
A história do jornalismo e os saltos tecnológicos	33
Desafios atuais do jornalismo	37
Impacto da IA generativa nas produções	43
<b>Jornalista “ciborgue”</b>	<b>44</b>
Potencialidades	47
Vanessa Tavares e abusos tecnológicos	48
Características do jornalista “ciborgue”	49
As novas funções do jornalista Ciborgue	50
Conclusões	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
glossário	57
índice	58
Anexo 1 - como surgiu a tecnologia por trás do chatgpt	59
Anexo 2 - rede neurais e sistemas computacionais	61
Entrevista na íntegra com Eugênio Bucci	62
Entrevista na íntegra com André Deak	66
Entrevista na íntegra com Rodrigo Ratier	75

## OBJETIVOS E METODOLOGIA

A integração da inteligência artificial está redefinindo as práticas jornalísticas e o papel dos jornalistas?

### OBJETIVOS

#### Objetivo Geral

Investigar como a integração da inteligência artificial está transformando as práticas jornalísticas e o papel dos jornalistas, considerando as implicações éticas, técnicas e profissionais dessa tecnologia na indústria de mídia.

#### Objetivos Específicos

- Mapear as principais aplicações da IA no jornalismo atual: identificar e descrever as ferramentas de IA mais comuns nas Redações e como elas estão sendo utilizadas para automatizar tarefas, melhorar a coleta de dados e enriquecer a narrativa jornalística.

- Explorar as mudanças no papel do jornalista com a adoção da IA: investigar como as responsabilidades e as habilidades requeridas dos jornalistas estão mudando em resposta à crescente adoção de tecnologias de IA incluindo o potencial de novos nichos de emprego e o risco de obsolescência de certas funções.

- Examinar as questões éticas associadas ao uso de IA no jornalismo: discutir os desafios éticos, como viés algorítmico, privacidade, transparência e *accountability*, e como eles afetam a credibilidade do jornalismo e a confiança do público.

### METODOLOGIA

Para investigar a integração da inteligência artificial ao jornalismo e avaliar suas implicações éticas e profissionais, este trabalho adotou uma abordagem metodológica mista, combinando técnicas de análise qualitativa com entrevistas semiestruturadas. A metodologia foi projetada para capturar uma compreensão profunda tanto das mudanças práticas quanto teóricas que estão ocorrendo na profissão jornalística devido à adoção da tecnologia de IA.

#### Análise Documental

A análise documental foi realizada abrangendo tanto fontes primárias quanto secundárias. As fontes primárias incluíram relatórios de tendências para a mídia, que forneceram *insights* contemporâneos sobre o uso e as projeções futuras da inteligência artificial no jornalismo. Esses documentos foram essenciais para entender as direções atuais e esperadas que a tecnologia de IA está moldando na indústria jornalística. As fontes secundárias, como a obra "História Social da Mídia" de Peter Burke, foram utilizadas para fornecer um contexto histórico e teórico. Esta literatura ajudou a traçar o desenvolvimento do jornalismo como campo e a interpretar as transformações atuais à luz de teorias e práticas históricas.

### Entrevistas

As entrevistas foram conduzidas com profissionais do jornalismo brasileiro, incluindo Rodrigo Ratier, Eugênio Bucci e André Deak. Estas entrevistas exploraram as experiências e percepções desses jornalistas sobre a integração da IA ao jornalismo. As perguntas, preparadas previamente, abordaram temas como a implementação de tecnologias de IA nas Redações, o impacto dessa tecnologia na qualidade e eficiência da produção jornalística e as questões éticas que emergem do uso de algoritmos na criação de conteúdo. As respostas forneceram visões valiosas sobre como a IA está sendo percebida e utilizada por profissionais atuantes no campo.

### Análise dos dados

Os dados coletados, tanto das entrevistas quanto dos documentos, foram analisados utilizando técnicas de análise de conteúdo qualitativa. Esta análise envolveu a codificação dos dados para identificar e interpretar temas recorrentes, padrões e *insights*. A integração desses dados permitiu uma análise detalhada das implicações práticas da IA no jornalismo, bem como uma reflexão sobre as mudanças teóricas e éticas associadas a essas práticas.

Esta abordagem metodológica mista assegurou uma compreensão holística e fundamentada das transformações induzidas pela IA no jornalismo, contribuindo para um diálogo sobre o futuro da profissão e as melhores práticas no uso de tecnologias avançadas no campo jornalístico. A análise final revelou que, enquanto a IA oferece numerosas vantagens em termos de eficiência e capacidade de análise, ela também apresenta desafios significativos, especialmente em termos de ética jornalística e manutenção da qualidade do conteúdo.

## INTRODUÇÃO

Durante minha investigação sobre o uso de inteligência artificial no jornalismo, uma matéria publicada na Folha de São Paulo chamou a atenção. O artigo, escrito por Pedro Teixeira, detalhava como a Editora Abril havia retirado do ar textos suspeitos de terem sido escritos por inteligência artificial. Intrigada com a história e desafiada por ela, entrei em contato com o repórter para obter mais informações sobre a investigação que originou a matéria.

Vanessa Tavares apareceu de repente trabalhando na revista *Bebê* da Editora Abril. Seus artigos eram publicados com uma frequência impressionante, inclusive em períodos como o final do ano quando a maioria das pessoas descansa. Durante os primeiros 25 dias de 2024, Vanessa publicava até 20 artigos em um único dia, acumulando a incrível marca de 311 matérias publicadas nesse período. Isso chamou a atenção de Pedro Teixeira.

Impressionado com a produtividade de Vanessa, Pedro decidiu iniciar uma investigação para entender mais sobre essa figura. Ele começou procurando por Vanessa Tavares nas redes sociais, em perfis profissionais, em outras publicações e até em eventos jornalísticos. No entanto, não encontrou nada. Vanessa Tavares não tinha presença *online*, nenhum histórico visível e nenhuma evidência de sua existência no mundo real. Como poderia uma jornalista ser tão produtiva e tão discreta?

Pedro decidiu ler com mais atenção os textos escritos por Vanessa e notou que eram extremamente homogêneos, como se fossem gerados por uma máquina, e alguns trechos lhe remeteram a publicações de outros veículos sobre os mesmos temas. Então, o repórter da Folha utilizou técnicas de raspagem de dados para analisar todas as reportagens publicadas sob o nome de Vanessa Tavares e de fato identificou que muitos dos textos escritos por ela eram, ou pelo menos continham trechos, realmente copiados de outros veículos, sem a devida citação ou crédito, configurando-se como plágio.

Isso apenas aumentou as suspeitas de Pedro que surgiram com os padrões incomuns de publicação da jornalista Vanessa Tavares, como um número elevado de textos durante o Natal, algo altamente improvável para um jornalista humano, conforme julgamento do jornalista da Folha.

Intrigado com a homogeneidade dos textos escritos por Vanessa, Pedro buscou por *softwares* e outros mecanismos disponíveis para identificar textos gerados por Inteligência

Artificial. Entretanto, como essas ferramentas ainda são imprecisas, não se pode fazer uma afirmação categórica. Como ele me explicou, os *softwares* que detectam textos gerados por IA enfrentam dificuldades em capturar nuances linguísticas complexas. Além disso, textos gerados por IA e por humanos podem compartilhar características estilísticas, o que dificulta uma detecção precisa. Essas ferramentas, portanto, podem apenas indicar suspeitas, já que não conseguem fornecer uma confirmação definitiva sem a possibilidade de erro.

Decidido a obter mais respostas, Pedro entrou em contato com a Editora Abril e especificamente com a editora responsável pelas publicações da repórter Vanessa Tavares. Quando questionada diretamente sobre sua repórter, a editora terminou a ligação desligando o telefone, o que Pedro interpretou como uma forma de evitar fornecer qualquer informação sobre a história.

Para o repórter, e seus editores, a dificuldade em provar categoricamente que os textos de Vanessa Tavares foram criados por IA foi compensada pela reação da editora responsável pela revista onde Vanessa escrevia. Pedro, então, decidiu compilar todas as suas descobertas e publicar suas conclusões, sugerindo que Vanessa Tavares era um nome fictício usado para mascarar o uso de IA na criação de conteúdo.

De acordo com a matéria publicada na Folha de São Paulo em março de 2024, a Editora Abril retirou do ar todos os textos suspeitos de terem sido escritos por IA. Essa ação ocorreu após a investigação de Pedro Teixeira ter revelado inconsistências e plágios nos artigos atribuídos a Vanessa Tavares. A decisão da Editora Abril de remover os textos reforçou a suspeita levantada pelo repórter da Folha de que havia algo errado na autoria dos conteúdos.

## MÁQUINAS QUE ESCREVEM TEXTOS

Os sistemas de geração de texto por Inteligência Artificial (IA) são modelos computacionais projetados para entender e processar a linguagem natural, sendo capazes de gerar textos de forma coerente e contextual. Conhecidos como Modelos de Linguagem de Grande Escala (*Large Language Models* - LLMs), esses sistemas utilizam aprendizado de máquina - particularmente redes neurais profundas para interpretar e gerar linguagem natural - e são treinados com grandes volumes de dados textuais, o que lhes permite reconhecer e replicar padrões complexos de linguagem. Eles são projetados para realizar uma variedade de tarefas como tradução, resumo, e geração de texto (DUQUE-PEREIRA; MOURA, 2023).

Especificamente, os modelos de texto-para-texto referem-se à capacidade de uma IA de receber um comando de entrada (*input*) em forma de texto e produzir um texto de saída (*output*) em resposta. Tal abordagem, chamada de Inteligência Artificial Generativa (IA Gen), possui diversas aplicações, incluindo robôs de conversação (*chatbots*) e criação de conteúdo textual. Embora existam outros modelos, como texto-para-imagem, texto-para-3D, texto-para-tarefa e texto-para-vídeo, aqui será abordado apenas o modelo de texto-para-texto (DUQUE-PEREIRA; MOURA, 2023).

O ChatGPT (*Generative Pre-trained Transformer*) é um modelo de linguagem desenvolvido pela OpenAI, empresa americana pioneira em tecnologia de inteligência artificial, projetado para gerar texto baseado em comandos de entrada fornecidos pelo usuário. Utilizando a arquitetura *Transformer*, o ChatGPT pode compreender e gerar respostas coerentes e contextualmente relevantes em linguagem natural. Trata-se de um modelo amplamente utilizado em aplicações como assistentes virtuais, *chatbots* e criação de conteúdo. Segundo Duque-Pereira e Moura (2023, p. 3), "ferramentas voltadas à geração texto-para-texto, como o ChatGPT, representam uma interseção significativa entre tecnologia e linguística". Eles ainda acrescentam:

*O chatGPT introduz uma inovação significativa no campo da Inteligência Artificial: a capacidade de incorporar feedback humano diretamente em seu processo de aprendizado. Este modelo opera por meio de um sistema de aprendizagem por reforço, onde os usuários desempenham um papel crucial ao indicar as respostas mais adequadas e pertinentes às suas consultas. Esse mecanismo de feedback contínuo não apenas otimiza a performance do chatGPT, mas também aprimora sua capacidade de interagir de forma mais natural e coerente com os usuários.* (DUQUE-PEREIRA; MOURA, 2023, p. 11).

A arquitetura *Transformer*, introduzida pela Google em 2017, revolucionou o campo do processamento de linguagem natural. *Transformers* utilizam mecanismos de atenção para ponderar diferentes partes de uma entrada, permitindo que o modelo considere o contexto global ao gerar uma resposta. Tal arquitetura é dividida em duas partes principais: codificação e decodificação. Na fase de codificação, a entrada é transformada em uma representação intermediária, e, na fase de decodificação, essa representação é utilizada para gerar a saída desejada. Segundo os autores, "os *Transformers* são estruturados em duas partes fundamentais (...), permitindo que compreendam e produzam linguagem com uma precisão e contexto sem precedentes" (DUQUE-PEREIRA; MOURA, 2023, p. 15). Trata-se, portanto, de um método que permite uma compreensão mais profunda do contexto global de uma frase, essencial para capturar nuances e ambiguidades na linguagem natural.

Os Modelos de Linguagem de Grande Escala (LLMs), como já citado, são treinados em vastos conjuntos de dados textuais. Esses modelos, como o GPT-3 e o GPT-4, possuem bilhões ou até trilhões de parâmetros, o que os torna, conforme afirmam Duque-Pereira e Moura (2023, p. 14), "extremamente poderosos em termos de capacidade de processamento e precisão". Dessa forma, permitem capturar nuances e contextos de linguagem com alta precisão.

*Machine Learning* é uma subárea da IA que se concentra no desenvolvimento de algoritmos e técnicas que permitem aos computadores aprender a partir de dados. Ao invés de serem programados explicitamente para realizar uma tarefa, os modelos de aprendizado de máquina são treinados com conjuntos de dados nos quais identificam padrões e fazem previsões ou tomam decisões com base nesses dados.

Existem várias abordagens de aprendizado de máquina: aprendizado supervisionado, em que o modelo é treinado com dados rotulados; aprendizado não supervisionado, em que o modelo deve identificar padrões ou agrupamentos por conta própria; aprendizado semi-supervisionado, que combina elementos de aprendizado supervisionado e não supervisionado; e aprendizado por reforço, em que o modelo aprende a tomar decisões sequenciais recebendo recompensas ou punições com base nas ações que realiza, visando maximizar a recompensa total ao longo do tempo. Segundo Duque-Pereira e Moura (2023, p. 10), "a IA pode ser conceituada como uma especialização dentro da ciência da computação, caracterizada pela elaboração e aprimoramento de sistemas computacionais que emulam habilidades tradicionalmente associadas à inteligência humana".

## Inteligência Artificial Generativa

Em novembro de 2022, a OpenAI lançou publicamente uma versão gratuita de seu *chatbot* baseado em IA generativa, desenvolvido a partir do modelo de linguagem GPT-3.5. O modelo representa um avanço significativo no campo da computação, pois simula a interação humana por meio de diálogos automáticos com usuários (*chatbot*), efetuando tanto a produção quanto a busca por conteúdo textual. (DUQUE-PEREIRA; MOURA, 2023)

O GPT-3.5, essencialmente, é um sistema robótico capaz de aprender e replicar padrões de linguagem complexos a partir do seu treinamento usando bases gigantescas de dados. Existe quem defenda que essas características conferem à máquina a capacidade de realizar interações que aproximam a máquina da cognição humana. O que mais chama atenção entre aqueles que usam o *chatbot* da OpenAI é sua capacidade de compreender e responder a perguntas com uma fluidez aparentemente humana (DUQUE-PEREIRA; MOURA, 2023). Entretanto, o computador realmente entende a pergunta e traz uma interpretação dos fatos? Considero importante questionar se o computador realmente entende a pergunta e traz uma interpretação dos fatos.

John Searle é um filósofo americano que, em 1980, formulou o "Dilema do Quarto Chinês" para avaliar os limites da inteligência artificial ao diferenciar simular entendimento e possuir uma compreensão genuína, desafiando a ideia de que a execução de programas de computador pode instanciar cognição genuína em máquinas. (MARIUTTI, 2024)

Imaginemos uma pessoa que só se comunica em português, confinada em um quarto cheio de carimbos com símbolos em chinês. Ela recebe um manual escrito em português com instruções para manipular esses símbolos conforme determinada pergunta feita usando os símbolos em chinês. Para um observador externo, parece que a pessoa domina o idioma chinês porque ela está respondendo corretamente às perguntas. No entanto, a pessoa está apenas seguindo as instruções do manual, sem compreender realmente a língua chinesa.

Esse cenário mostra que um humano não adquire domínio do idioma chinês apenas porque está seguindo instruções. Um computador, assim como a pessoa no quarto, manipula símbolos e segue instruções (o programa) sem qualquer compreensão do que esses símbolos são. Ele simplesmente executa operações predefinidas, mostrando que a aparente

inteligência do computador é apenas uma simulação, não uma verdadeira cognição. (MARIUTTI, 2024)

Mariutti (2024) explica que os LLMs convertem palavras e outros objetos em vetores numéricos em um espaço vetorial multidimensional, em que a proximidade dos vetores reflete relações semânticas. Por exemplo, palavras como "gato" e "cachorro" ou "marido" e "esposa" estão próximas no espaço vetorial porque são conceitualmente relacionadas.

Esses vetores são organizados em um "espaço latente", um espaço topológico multidimensional que representa as características e relações dos dados. Esse espaço não depende de coordenadas fixas externas, mas se organiza de acordo com suas próprias dimensões intrínsecas, segundo Mariutti (2024). Esse conceito é crucial para entendermos o modo como os sistemas de aprendizado de máquina representam internamente os dados, posicionando cada objeto com base em sua distância matemática dos outros.

A complexidade dos espaços latentes, com suas numerosas dimensões e propriedades emergentes, permanece um conceito oculto e desafiador, como destaca Mariutti (2024). O autor menciona que, para tornar esse entendimento mais acessível, técnicas de redução de dimensionalidade são empregadas para representar visualmente as relações complexas em espaços de duas ou três dimensões. Ele sugere que novas abordagens para explorar a intersecção entre representações humanas e visão computacional possam emergir no futuro, refletindo uma crescente compreensão topológica do espaço na era digital.

A compreensão superficial do contexto por parte de máquinas como o ChatGPT ocorre porque esses modelos de IA são limitados aos padrões e exemplos contidos nos dados com que foram treinados. Eles não têm experiência de mundo real ou consciência contextual autônoma; eles apenas simulam uma compreensão baseada em correlações estatísticas dos dados. Atualmente, a máquina não pode ter uma compreensão mais profunda do contexto de maneira autônoma, pois falta a ela a capacidade de interagir com o mundo de uma maneira que acumule conhecimento com base na experiência em diferentes contextos, como os humanos fazem. A capacidade de compreensão que uma máquina pode ter está sempre ligada à qualidade e à abrangência dos dados usados no seu treinamento. No caso do CHATGPT, Duque-Pereira e Moura (2023, p. 4) afirmam:

*O ChatGPT, treinado em vastos volumes de texto, internaliza nuances linguísticas, desde a sintaxe até a semântica. Ele não apenas reconhece padrões gramaticais, mas também entende contextos, metáforas e ambiguidades. Palavras polissêmicas, que têm múltiplos significados, são interpretadas pelo ChatGPT com base no contexto em que são apresentadas. Assim, ele pode discernir se 'banco' se refere a uma instituição financeira ou a um objeto utilizado para se sentar, dependendo da frase. Esse entendimento contextual é um testemunho da profundidade de seu treinamento linguístico, com a utilização da semântica distributiva."*

Resolvi perguntar para a AI: *Como você entende o texto?* A resposta na íntegra que obtive está no anexo 1. No quadro 1, está a representação de um fluxo simplificado do modo como o ChatGPT entende e processa um texto:

**Quadro 1. Como o ChatGPT entende e processa um texto**

<b>COMPONENTES</b>	<b>INTERAÇÕES</b>
<i>User</i>	Usuário que envia o texto para o ChatGPT
ChatGPT	Modelo de linguagem que recebe o texto e coordena as etapas de processamento
<i>Tokenizer</i>	Componente que divide o texto em <i>tokens</i>
<i>Encoder</i>	Componente que codifica os <i>tokens</i> em números usando um vocabulário pré-definido
<i>Transformer</i>	Componente que processa os <i>tokens</i> codificados através de várias camadas de atenção e transformação
<i>Decoder</i>	Componente que decodifica a saída processada para gerar a resposta final

Fonte: elaborado pela autora

No contexto da inteligência artificial, "alucinações" referem-se a erros, isto é, a momentos em que o modelo gera informações falsas ou distorcidas que parecem plausíveis. Esses erros podem surgir devido a tendências nos dados de treinamento ou limitações na capacidade do modelo de interpretar contextos complexos. Por exemplo: o modelo pode gerar afirmações factualmente incorretas, como datas erradas, nomes trocados ou eventos que nunca ocorreram. Duque-Pereira e Moura (2023, p. 14) explicam:

*No universo dos LLMs, um fenômeno que tem despertado atenção e cautela é o que a comunidade técnica denomina de 'alucinação'. Estas alucinações referem-se à geração de palavras ou frases pelos LLMs que são desprovidas de sentido, gramaticalmente inconsistentes ou até mesmo incorretas. Diversos fatores podem contribuir para tais inconsistências, incluindo o treinamento do modelo com dados insuficientes, de baixa qualidade ou com ruídos. Além disso, a falta de contexto adequado ou restrições no momento de fornecer um prompt também podem induzir o modelo a alucinar. O impacto dessas alucinações não é trivial, pois podem resultar em saídas de informações imprecisas e enganosas.*

Em essência, o aprendizado de máquina envolve ensinar computadores a reconhecer padrões e tomar decisões com base em exemplos, sem serem explicitamente programados para cada tarefa. De acordo com Duque-Pereira e Moura (2023, p. 13), "o aprendizado supervisionado é uma dessas abordagens, em que o modelo é treinado com um conjunto de dados previamente rotulado, enquanto o aprendizado não supervisionado permite que o sistema identifique padrões ou agrupamentos por conta própria".

As técnicas de aprendizado de máquina são métodos e algoritmos que permitem que computadores melhorem seu desempenho em tarefas específicas com base em dados. Alguns dos conceitos fundamentais e das técnicas comuns de aprendizado de máquina são:

**Quadro 2. Como máquinas aprendem**

<b>TÉCNICAS DE APRENDIZADO DA MÁQUINA</b>	<b>CARACTERÍSTICAS</b>
Aprendizado Supervisionado	Modelos são treinados com dados rotulados para aprender a mapear entradas para saídas corretas.
Aprendizado Não Supervisionado	Modelos identificam padrões ou estruturas em dados não rotulados.
Aprendizado por Reforço	Algoritmos aprendem por tentativa e erro, recebendo recompensas por ações adequadas.
Redes Neurais e <i>Deep Learning</i>	Utilização de múltiplas camadas para processar dados.

Fonte: elaborado pela autora

Nos anexos 1 - Como surgiu a tecnologia por trás do ChatGPT e 2 - Rede neurais e sistemas computacionais, exploro esses aspectos mais técnicos da tecnologia que abordo neste trabalho<sup>1</sup>. Entretanto, tendo em vista a discussão proposta a partir de Duque-Pereira; Moura (2023) e Mariutti (2024), perguntei ao ChatGPT 3.5 como ele compreendia textos e compilei a resposta no quadro 3.

**Quadro 3. Como você entende o texto?**

<b>Resposta elaborada pelo ChatGPT 3.5</b>
Eu entendo texto usando um modelo de processamento de linguagem natural baseado em uma técnica chamada "transformers", que foi desenvolvida para analisar e gerar texto de maneira eficiente. O modelo é treinado em um vasto <i>corpus</i> de texto para reconhecer padrões, estruturas gramaticais, nuances de linguagem, e contextos diversos.

<sup>1</sup> Para a elaboração deste TCC, aspectos mais técnicos da IA também foram explorados. Todavia, por uma questão de delimitação da pesquisa, o material elaborado sobre isso é apresentado como anexos 1 e 2, respectivamente denominados "Como surgiu a tecnologia por trás do chatGPT" e "Rede neurais e sistemas computacionais".

Aqui estão os passos básicos de como eu trabalho com texto:

1. Tokenização: O texto é dividido em pedaços menores chamados tokens. Esses tokens podem ser palavras, partes de palavras ou até mesmo pontuações.
2. Codificação de Tokens: Cada token é convertido em números usando um vocabulário pré-definido. Isso transforma o texto de uma forma que o modelo pode entender.
3. Processamento por Camadas de Transformer: Os tokens codificados passam por várias camadas de transformers. Cada camada realiza operações complexas de atenção e transformação para interpretar os tokens em seu contexto. Isso permite ao modelo entender não apenas o significado de cada palavra, mas como esse significado muda em diferentes contextos.
4. Decodificação de Saída: Após o processamento, o modelo usa os dados processados para gerar respostas. Isso pode envolver a predição do próximo token em uma sequência ou a geração de um texto completamente novo baseado no que foi entendido.
5. Ajuste Fino e Contextualização: Embora o modelo seja treinado em dados gerais, ele pode ser ajustado ou direcionado a responder dentro de contextos específicos, usando informações adicionais ou restrições para moldar a resposta.

Esse processo me permite responder perguntas, participar de conversas, e até mesmo criar conteúdo de forma coerente e relevante, embora eu não "entenda" texto da mesma maneira que um humano, com consciência ou intenção própria."

Fonte: resposta elaborada pelo ChatGPT 3.5

## IMPACTO DA IA GENERATIVA NAS REDAÇÕES

O avanço da IA generativa trouxe desafios e oportunidades para as Redações. As preocupações com a confiança e a proteção da propriedade intelectual coexistem com a eficiência operacional e a relevância ampliada para o público. As principais áreas de aplicação incluem automação de tarefas administrativas, sistemas de recomendação, supervisão de conteúdo gerado e usos comerciais, o que destaca um equilíbrio entre tecnologia e supervisão humana necessária para manter a integridade do jornalismo. (NEWMAN, 2024)<sup>2</sup>

**Tabela 1. Prioridades dos executivos de notícias na implementação de IA**

ÁREA DE APLICAÇÃO	PERCENTUAL (%)
Automação de <i>back-end</i>	56
Sistemas de recomendação	37
Criação de conteúdo	28
Usos comerciais	27
Codificação	25
Coleta de notícias	22

Fonte: adaptado de "Journalism, Media, and Technology Trends and Predictions 2024".

A automação de *back-end*, essencial para a otimização de processos cruciais à eficiência operacional que não são diretamente visíveis aos clientes, desempenha um papel vital nas Redações. Essa automação abrange uma variedade de tarefas tecnológicas que elevam significativamente a produtividade jornalística. Entre as funções mais notáveis estão a transcrição automática, que converte conteúdo de áudio e vídeo em texto por meio de tecnologias de reconhecimento de voz, e a edição e revisão de textos. Estas últimas se beneficiam de ferramentas de inteligência artificial que realizam correções gramaticais, ortográficas e estilísticas, reduzindo substancialmente a carga de trabalho dos editores. (NEWMAN, 2024)

Além disso, a organização automatizada de dados aprimora a classificação nos índices de pesquisa e facilita o acesso a grandes volumes de informações. A geração automática de relatórios partindo dos dados coletados é outra aplicação que simplifica análises internas e

---

<sup>2</sup> *Digital News Report 2024: Journalism, Media, and Technology Trends and Predictions*: pesquisa anual que analisa o impacto global da indústria de mídia e apresenta projeções sobre o consumo de informação, a confiança na imprensa e as tendências de formatos e é divulgado pelo Instituto Reuters.

apoia a criação de conteúdos jornalísticos baseados em dados. Um elemento adicional importante é a capacidade dos sistemas de sugerir conteúdo, que analisam a produção existente e propõem novos temas ou abordagens com base em tendências e análises de dados. Essas ferramentas não apenas aumentam a eficiência, mas também permitem que jornalistas e outros profissionais se dediquem a tarefas mais complexas e criativas, otimizando assim o uso do tempo e dos recursos disponíveis nas Redações - pelo menos é o que promete. (NEWMAN, 2024) O quadro 3 apresenta os principais usos da AI segundo Newman.

**Quadro 3. Experimentação com IA na mídia de notícias**

<b>INOVAÇÃO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>EXEMPLOS E IMPACTOS</b>
Sumarização	Publicações adicionam pontos de bala no topo de seus artigos para sumarizar conteúdo	Aftonbladet (Suécia), Verdens Gang (VG) (Noruega), e Helsingin Sanomat (Finlândia). Aftonbladet nota aumento de engajamento, especialmente entre leitores jovens
Teste de manchetes	Publicações experimentam manchetes otimizadas por IA para busca, revisadas por editores	-
Edição, anotação e transcrição	Ferramentas de IA ajudam nesses processos, resultando em perda de empregos	Mathias Dopfner da Axel Springer indica automação de cargos de revisores e alguns editores. VG (Noruega) implementa serviço de transcrição Jojo.
Tradução	IA auxilia na tradução de artigos, permitindo mais publicações em outras línguas.	Le Monde (França) usa IA para traduzir cerca de 30 histórias por dia para a edição em inglês, com verificações humanas adicionais
Geração de imagens	Publicações usam ferramentas como Midjourney para criar ilustrações gráficas	Kölner Stadt-Anzeiger (Alemanha) e DennikN (Eslováquia) usam para temas como tecnologia e culinária
Geração de artigos	Jornalistas virtuais criados por IA escrevem artigos sobre uma variedade de assuntos	Express.de (Alemanha) com jornalista virtual Klara Indernach (KI) que agora escreve mais de 5% das histórias publicadas. Editores humanos ainda revisam todo o conteúdo
Apresentadores de IA e locutores	Vozes sintéticas e clones de apresentadores populares cobrem turnos noturnos e mais	Radio Expres (Eslováquia) clonou a voz do apresentador Bára Hacsí para cobrir o turno da noite. Duas rádios no oeste da Inglaterra usam uma voz sintética para boletins de rádio
Geração de canal de TV	Serviço de televisão experimental 24 horas no qual todas as histórias e apresentadores são gerados por IA, sem intervenção humana	NewsGPT, disponível via YouTube, oferece notícias 'sem viés humano'. Canal.1 AI, com sede em Los Angeles, planeja lançar um serviço de notícias personalizado em 2024.

Fonte: adaptado de "Journalism, Media, and Technology Trends and Predictions 2024".

A importância da automação de *back-end* tem crescido consideravelmente nos últimos anos dentro do contexto jornalístico. Newman (2024) cita uma pesquisa cujos resultados revelaram que apenas 29% dos entrevistados consideravam essas aplicações de inteligência artificial (IA) muito importantes há dois anos, uma cifra que tem aumentado devido às inovações em LLMs. Esses avanços têm aberto novas oportunidades para acelerar e otimizar tarefas rotineiras nas Redações, mostrando um impacto significativo na eficiência operacional das organizações de mídia, segundo o autor.

Conforme relatado no *Journalism, Media, and Technology Trends and Predictions 2024*, os editores atribuem diferentes níveis de risco às utilizações da inteligência artificial no jornalismo. A criação de conteúdo é vista como a área de maior risco, com 56% identificando-a como a aplicação mais perigosa da IA, seguida pela coleta de notícias. Em contraste, a automação de *back-end*, distribuição e programação são vistas como tendo riscos menores. A disparidade na percepção de risco explica por que atualmente há um foco maior em aprimorar as eficiências de *back-end* e um exercício de maior cautela em torno das diferentes formas de robô-jornalismo. (NEWMAN, 2024)

**Tabela 2. Percepção de risco nas diferentes utilizações da IA no jornalismo**

<b>APLICAÇÃO DE IA</b>	<b>PERCENTUAL DE RISCO (%)</b>
Criação de conteúdo	56
Coleta de notícias	28
Automação de <i>back-end</i>	11
Distribuição	11
Programação	11

Fonte: adaptado de "Journalism, Media, and Technology Trends and Predictions 2024".

No relatório [Changing Newsrooms 2023](#), constatou-se que 16% das Redações já haviam feito nomeações específicas para lidar com IA e outros 24% planejam ativamente fazê-lo. O New York Times, por exemplo, recentemente nomeou Zach Seward, anteriormente da Quartz, como seu primeiro diretor editorial de Iniciativas de Inteligência Artificial. Sua descrição de trabalho inclui estabelecer como o jornalismo do Times pode se beneficiar das tecnologias de IA generativa, ajudar os jornalistas a trabalharem mais rapidamente e identificar diretrizes e princípios sobre a forma como as tecnologias devem e não devem ser aplicadas.

Ainda de acordo com o relatório, 16% das Redações já têm um líder designado para IA e 16% têm diretrizes detalhadas de IA em vigor, enquanto 24% e 35%, respectivamente, estão na fase de implementações, como apresentado na Tabela 3:

**Tabela 3. Novos papéis de IA e diretrizes nas Redações**

PRÁTICA DE IA NA REDAÇÃO	PERCENTUAL ATUAL	PERCENTUAL EM PLANEJAMENTO
Nomeação de líder editorial para IA	16	24
Diretrizes detalhadas de IA	16	35

Fonte: adaptado de *Changing Newsrooms 2023 Report*

Outra abordagem adotada por publicações como a [Schibsted](#)<sup>3</sup> é a criação de laboratórios de IA projetados para liderar a experimentação e coordenar o aprendizado sobre inteligência artificial em diversas publicações e países. A ideia é criar um ambiente de colaboração e inovação, no qual novas tecnologias e metodologias podem ser testadas e refinadas antes de serem implementadas em escala mais ampla.

### ***Ghost newsrooms***

Vanessa Tavares “não está sozinha”.

O termo *ghost newsrooms* refere-se a Redações jornalísticas desprovidas de jornalistas. Essas Redações são mantidas com o mínimo de pessoas possível: operam com conteúdo sintético gerado por inteligência artificial. Uma mídia sintética é uma imagem, vídeo ou áudio manipulado por ou gerado inteiramente por Inteligência Artificial (SCHICK, 2020). Portanto, o conteúdo sintético é o conteúdo gerado ou manipulado por AI e pode apresentar tanto características realistas quanto irrealistas, ou seja, os conteúdos sintéticos podem não ser verídicos ou não corresponderem à realidade.

Tal modelo de Redações jornalísticas - que se apoiam no uso de conteúdo sintético - se fortaleceu, em oposição à criação dos desertos de notícias (áreas em que a cobertura jornalística local é mínima ou inexistente) e também como resposta à perda massiva de postos de trabalhos no setor da mídia americana. Em 2023, cerca de 20.000 empregos foram extintos e o número é seis vezes maior que o dado do ano anterior. Entretanto, a

---

<sup>3</sup> Schibsted é um conglomerado de mídia norueguês sediado em Oslo e fundado em 1839 que opera em mais de vinte países com posição de destaque na própria Noruega e na Suécia. Suas ações são negociadas na Bolsa de Valores de Oslo. Os produtos da empresa são jornais, programação televisiva, filmes, publicidade e multimídia. Fonte: Google Search.

proliferação de *ghost newsrooms* contribui para o aumento dos desertos de notícias, diminuindo, dessa forma, o acesso do público a informações cruciais sobre sua comunidade (NEWMAN, 2024).

Nos últimos anos, dois a três jornais locais fecharam por semana nos Estados Unidos. Isso levou ao surgimento dos "desertos de notícias" anteriormente referidos, isto é, áreas onde a população local tem pouco ou nenhum acesso a notícias locais. Além disso, muitos jornais que sobrevivem se transformaram em "Redações fantasmas", que dependem fortemente de conteúdo compartilhado ou sintético e não têm repórteres permanentes. Essa mudança para fontes de notícias mais econômicas, mas potencialmente menos confiáveis e diversas, levanta preocupações sobre a qualidade e a autenticidade das informações fornecidas ao público. (NEWMAN, 2024)

Nesse contexto, a *ghost newsroom* não apenas opera com poucos ou nenhum jornalista, mas também utiliza tecnologia para criar conteúdo que pode não ter supervisão editorial adequada ou envolvimento humano significativo no processo de criação. Isso levanta questões éticas importantes sobre originalidade, transparência e atribuição, especialmente se o conteúdo gerado por IA estiver copiando ou reformatando informações de outras fontes. E a falta de crédito adequado - que pode ser considerada uma forma de plágio – acaba se tornando praticamente o “menor” dos problemas trazidos pela prática.

O artigo “CLONE PAN: Jovem Pan usa plataforma de plágio com nome de Samy Dana para copiar reportagens de outros sites” do Intercept Brasil, publicado em 25 de janeiro de 2024, destaca como a Jovem Pan utilizou uma plataforma de IA chamada *Samy News* para automatizar a criação de conteúdo, substituindo jornalistas reais. Essa ferramenta permitiu à empresa manter a produção de notícias mesmo após demissões significativas na redação, decorrentes de cortes no orçamento devido à perda de receita com anúncios publicitários.

O uso da IA pela Jovem Pan, conforme descrito na referida reportagem, revela que “as matérias vêm da inteligência artificial prontas e ficam disponíveis no publicador da Jovem Pan em modo de rascunho, já com título”. A empresa contava com 18 jornalistas em 2023, começou janeiro de 2024 com 11 e terminou o mês com apenas 7 profissionais que passaram a checar se o conteúdo sintético tinha erros passíveis de plágio. No período seguinte às demissões, as reportagens sintéticas teriam aumentado de 21,8% para 66,7% das publicações diárias.

Tanto o caso da editora Abril como o da Jovem Pan podem ser classificados como formas de *ghost newsroom* porque sugerem o uso de plataformas de IA para substituir o trabalho jornalístico - o que permite manter o volume de publicações com um número reduzido de jornalistas dependendo de conteúdo gerado automaticamente. Os *ghost newsrooms* levantam preocupações significativas sobre a qualidade e a profundidade da cobertura jornalística (NEWMAN, 2024).

Para Eugênio Bucci, professor e pesquisador na ECA-USP, com quem conversei para entender as questões trazidas pelo uso de AI no jornalismo, a falta de jornalistas no processo de produção e publicação de notícias tende a construir uma cobertura menos crítica.

Na produção de reportagens investigativas, por exemplo, o escrutínio de questões ligadas à procura por pautas e aos efeitos da publicação da notícia exige a presença de um jornalista, defende Bucci. Ele também defende que ainda é impossível para a máquina replicar a capacidade de análise e compreensão do jogo político por trás da produção da matéria devido a sua dificuldade de captar e entender as nuances em que nós, humanos, navegamos.

A extensa lista de livros publicados pelo professor - com títulos como "Existe democracia sem verdade factual?" (2019) e "A superindústria do imaginário" (2021) - e sua atuação no Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta<sup>4</sup> e no Conselho Deliberativo do Instituto Vladimir Herzog<sup>5</sup>, juntamente com sua produção acadêmica, acerca de temas como ética e comunicação pública, me levam a perguntar sobre as especificidades que o jornalista traz para a para a discussão que faço.

Bucci também é autor do livro "Incerteza, um ensaio" (2023) que explora como a incerteza molda a sociedade e influencia o mundo digital, explicando que os jornalistas possuem habilidades que vão além do simples relato de fatos: estar presente nos espaços, conduzir entrevistas, coletar informações, interpretar eventos, realizar investigações, analisar dados e fornecer insights contextuais são cruciais para o jornalismo. Essas habilidades permitem, que criam novas informações e que não estão disponíveis na internet. Para o professor, os

---

<sup>4</sup>A Fundação Padre Anchieta é brasileira e desenvolve atividades de radiodifusão pública e educativa, estando sediada em São Paulo. É a proprietária e gestora da TV Cultura e das Rádios Cultura FM e Cultura Brasil. É membro associado da União Europeia de Radiodifusão (Wikipédia).

<sup>5</sup> O Instituto Vladimir Herzog é uma instituição sem fins lucrativos, criada em 25 de junho de 2009, com o objetivo de preservar a memória do jornalista Vladimir Herzog e promover ações que atraiam a atenção da sociedade aos problemas sociais e econômicos do Brasil com ênfase nas consequências do golpe de 1964 (Wikipédia).

jornalistas têm a capacidade de criar informações a partir de conversas, observações da realidade e análises coerentes - algo que vai além das capacidades da inteligência artificial. Essas habilidades permitem aos jornalistas contextualizar eventos, interpretar dados e fornecer análises críticas com base na sua compreensão da realidade.

Bucci conclui de forma apropriada: "As tecnologias não são o centro da nossa profissão". Incluindo a IA, tecnologias novas continuarão a influenciar o jornalismo, mas a dimensão política do jornalismo e o seu compromisso com a verdade permanecem inalterados.

O professor enfatiza que a mudança tecnológica é um aspecto familiar do jornalismo. Na entrevista, ele afirma que há muito tempo temos inovações tecnológicas no campo profissional do jornalismo, destacando a presença duradoura dos avanços tecnológicos. Esses marcos ilustram o impacto transformador de cada nova tecnologia, desde a radiodifusão até as plataformas digitais, cada uma deixando uma impressão duradoura na produção e no consumo de notícias. Dessa forma, cada inovação contribuiu significativamente para a evolução das práticas jornalísticas.

O advento do rádio nos anos 1920 e o da televisão nos anos 1950 trouxeram novas formas de transmissão de notícias (BRIGGS; BURKE, 2009). Os jornalistas tiveram que adquirir habilidades para trabalhar com áudio e vídeo, além de adaptar suas técnicas de narrativa para formatos mais imediatos e visuais.

Com a chegada da internet nos anos 1990, esses profissionais enfrentaram a necessidade de se familiarizar com a publicação *online*, de interagir com audiências globais e de navegar em um ambiente digital dinâmico. E, posteriormente, o surgimento das redes sociais nos anos 2000 exigiu ainda mais adaptabilidade, com a necessidade de compreender algoritmos, engajamento de audiência e verificação de informações em tempo real.

André Deak, professor de cinema e jornalismo na ESPM e coordenador do Laboratório de Formatos Híbridos (LabFor)<sup>6</sup>, na mesma instituição, bem como pesquisador do LabCidade da FAU-USP, mencionou, quando o entrevistei, o modo como a internet, desde seu início, afetou a indústria do jornalismo: "Eu acompanhei o início da web desde 1994, quando

---

<sup>6</sup> O LabFor, que Deak coordena, é um centro dedicado à produção de conteúdos jornalísticos utilizando novas linguagens e formatos inovadores, um espaço em que os estudantes aprendem, pesquisam e experimentam diferentes abordagens jornalísticas em oficinas e que integra o Centro Experimental de Jornalismo da ESPM. Ele também é responsável pelo desenvolvimento das plataformas para transmissão *online* de eventos ao vivo do Instituto CPFL Cultura, além de diretor da premiada agência de comunicação e produtora multimídia Liquid Media Lab,

chegou ao Brasil. Em 1998, quando entrei na faculdade de jornalismo, substituíram as máquinas de escrever na redação da faculdade por computadores."

Ele destaca que a internet permitiu a troca de texto livremente, o que antes era a primazia dos jornais, revistas e televisões, e observa: "De repente, num primeiro momento, a gente vê todo mundo escrevendo sobre tudo e presencia o surgimento de muitos blogs, principalmente".

Doutor em Design pela FAU-USP, Duek começou a trabalhar com comunicação na internet apenas três anos após a abertura da internet comercial no Brasil em 1995. Sobre as mudanças no jornalismo, ele relata: "(...) curiosamente o meu mestrado foi sobre as chamadas Novas Profissões do jornalista no Brasil. E aí eu investigava algumas fronteiras do conhecimento que alguns jornalistas de ponta estavam experimentando naquela época, 2011, quando eu fiz isso lá na ECA. Essas novas funções dos jornalistas no Brasil eram gestor de redes sociais, gestor de mídias sociais, programador, jornalista, *web producer*, produtor de site. Naquela época tinha uns dois ou três fazendo isso. Hoje as Redações estão coalhadas de gente que faz isso."

Rodrigo Ratier complementa a visão de que as novas tecnologias, uma vez introduzidas, são integradas nas operações rotineiras das Redações. Ele observa que "uma parte do jornalismo de fato já está automatizada, com um tipo de inteligência artificial que não é a generativa." Ele exemplifica com a produção de textos que parte de tabelas e *templates*, e que informações são automaticamente organizadas e publicadas. Ratier é Doutor e atua como docente no Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) da ECA-USP, além de pesquisador do grupo COM+, criado em 2006, que reúne pesquisadores da USP e de outras instituições para discutir e produzir conteúdo no campo da comunicação, mídia e jornalismo digitais, bem como cofundador do curso *online* "Vaza, Falsiane", que combate notícias falsas e desinformação, promovendo a educação midiática e o uso responsável das informações digitais.

O processo de automação permite que informações estruturadas, como resultados eleitorais ou estatísticas esportivas, sejam transformadas em artigos com mínima intervenção humana, destacando a capacidade da tecnologia de assumir tarefas jornalísticas repetitivas e menos complexas. Ratier explica que muitas entradas na Wikipédia são geradas dessa forma, com sistemas que extraem dados de planilhas para criar artigos consistentes.

Bucci destaca a adaptabilidade das práticas jornalísticas, que absorvem novas ferramentas e metodologias sem interromper fundamentalmente o fluxo de trabalho.

Ratier e Deak mencionam a utilização de ferramentas como o ChatGPT para resumos de jogos de futebol, informativos sobre balanços de pagamentos e outras matérias feitas com base na publicação de atividades repetitivas - como fechamento das bolsas de valores. A tecnologia continua a avançar em um ritmo extraordinário - muito além da capacidade da maioria de nós de absorver e entender. Faz pouco mais de dois anos desde o lançamento público do ChatGPT, e ainda estamos nos estágios iniciais de entender suas implicações.

Embora a tecnologia possa auxiliar os jornalistas em várias tarefas, ela não pode substituir completamente o elemento humano e as habilidades únicas que os jornalistas trazem para a profissão: "Falava-se muito de pós-jornalismo e, em determinado momento, da pós-verdade. Como viver numa era em que a verdade não importa mais? Isso é difícil para quem é jornalista. No entanto, acredito que o jornalismo ainda é uma das funções mais importantes e básicas como uma salvaguarda para a democracia que esperamos. O jornalista tem a capacidade de entender política e relações políticas para trazer isso à profissão", comenta Deak.

Bucci reconhece que a IA pode simular muitas habilidades humanas, como detectar pausas na linguagem ou entender a linguagem corporal, mas enfatiza que há aspectos da condição humana e da prática democrática que a IA não pode substituir: "Assim como a máquina pôde aprender a jogar xadrez, ela poderá aprender muitas outras coisas. (...) A questão essencial é entender que as relações políticas são indelegáveis. Veja só, a inteligência artificial organizou sistemas bancários, catalogação, mecanismos de busca e georreferenciamento. Mas ela não faz democracia ", argumenta ele.

O professor afirma que a mediação da democracia é ação humana e que a prática do jornalismo é essencialmente política e centrada na busca pela democracia. Nesse sentido, ele vê a dimensão humana do jornalismo como insubstituível. Em suas palavras, a "máquina pode ajudar a democracia, como fazemos com a votação eletrônica no Brasil, mas não a cria. A democracia decorre da condição humana e se dirige à condição humana, e isso é essencial para o jornalismo. O jornalismo é um campo, um saber, uma prática essencialmente política. Ele só faz sentido na busca pela democracia e naquilo que o ser humano aparece como origem e fim da vida social. Nessa perspectiva, há algo de insubstituível na dimensão humana do jornalismo."

A capacidade de realizar investigações, entrevistar fontes e analisar informações de maneira crítica e contextualizada ainda é uma habilidade insubstituível do jornalista humano. Ratier também sublinha a importância da formação técnica e crítica para os jornalistas, que precisam se familiarizar com ferramentas tecnológicas e desenvolver um entendimento profundo das implicações éticas do uso de IA. Ele enfatiza que a IA, apesar de suas capacidades, não pode substituir as habilidades humanas de conduzir investigações, entrevistar fontes e analisar informações de maneira crítica e contextualizada, elementos que permanecem exclusivos do jornalista humano.

O campo do jornalismo sempre esteve sujeito a inovações tecnológicas que moldam e remodelam suas práticas ao longo do tempo. Esse padrão histórico revela que os avanços atuais em inteligência artificial (IA) não representam uma mudança sem precedentes, mas sim uma continuação de uma tendência de longa data.

## **A história do jornalismo e os saltos tecnológicos**

Nesta parte do trabalho, revisito os principais marcos da evolução do jornalismo, conforme descrito por Briggs e Burke (2009), recuperando sua história, marcada por uma série de inovações tecnológicas que transformaram profundamente a maneira como as notícias são produzidas, distribuídas e consumidas

A invenção da prensa tipográfica por Johannes Gutenberg em 1440 marcou o início de uma nova era na disseminação de informações. Foi uma inovação que permitiu a produção em massa de textos impressos, ampliando o acesso ao conhecimento e possibilitando a circulação de ideias em uma escala sem precedentes. A prensa tipográfica facilitou a disseminação rápida de notícias e ideias, possibilitando o surgimento dos primeiros jornais e panfletos. Foi um passo crucial para o desenvolvimento do jornalismo moderno, de acordo com os autores.

No século XVII, surgiram os primeiros jornais periódicos. Em 1605, foi publicado, em Estrasburgo, por Johann Carolus, o primeiro jornal impresso periódico reconhecido: *Relation aller Fürnemmen und gedenckwürdigen Historien*. Depois, em 1665, *The Oxford Gazette* (posteriormente *The London Gazette*) foi publicado, sendo um dos primeiros jornais oficiais da Inglaterra. O surgimento dos jornais periódicos estabeleceu uma fonte regular de

informações e permitiu um envolvimento maior do público na vida política e social. (BRIGGS; BURKE, 2009)

No século XVIII, houve um aumento significativo no número de jornais e uma diversificação de conteúdo, com mais foco em notícias internacionais, políticas e sociais. Em 1702, o *Daily Courant*, o primeiro jornal diário da Inglaterra, foi publicado em Londres. A expansão do número de jornais e a diversificação de seu conteúdo ampliaram o alcance dos jornais, atingindo um público mais amplo e fomentando uma cultura de leitura de jornais. Nesse momento, o jornalismo começou a desempenhar um papel crucial na formação da opinião pública, de acordo com os autores.

O século XIX trouxe revoluções tecnológicas importantes, como a invenção do telégrafo por Samuel Morse nos anos 1830, que permitiu a transmissão instantânea de notícias. Na década de 1860, a introdução da fotografia no jornalismo trouxe uma nova dimensão às reportagens, permitindo que as notícias fossem ilustradas com imagens autênticas. A comunicação mais rápida e eficiente proporcionada pelo telégrafo e o enriquecimento das narrativas jornalísticas com imagens fotográficas adicionaram autenticidade e impacto às notícias, o que transformou a maneira como as informações eram coletadas e distribuídas. (BRIGGS; BURKE, 2009)

Ainda no século XIX, o advento da *penny press*, mais precisamente nos anos 1830, com jornais como o *New York Sun* de Benjamin Day, tornou os jornais acessíveis às massas, vendendo exemplares a um centavo. A expansão das redes ferroviárias também facilitou a distribuição rápida de jornais. O aumento da circulação de jornais e do envolvimento do público, aliado ao surgimento de um jornalismo mais sensacionalista para atrair um público maior, caracterizou essa era como um período de significativa democratização da informação, na visão dos autores.

O início e o meio do século XX foram marcados pela introdução do rádio e da televisão. Na década de 1920, o rádio se tornou uma fonte importante de notícias, com emissoras transmitindo boletins ao vivo para uma audiência ampla. Nos anos 1950, a televisão transformou o jornalismo ao permitir que as notícias fossem vistas, não apenas ouvidas. A introdução do rádio e da televisão proporcionou um alcance instantâneo e massivo das notícias. A cobertura visual de eventos importantes pela televisão aumentou a influência do jornalismo na formação da opinião pública, tornando as notícias mais acessíveis e sem nenhuma dúvida mais envolventes.

No final do século XX e início do século XXI, a internet permitiu a publicação e o acesso a informações em tempo real, globalmente, mudando de maneira significativa o panorama do jornalismo. Na década de 2000, redes sociais como Facebook e Twitter revolucionaram a disseminação de notícias e permitiram que informações se tornassem virais rapidamente. A democratização do acesso à internet e o jornalismo *online* transformaram a maneira como as notícias são consumidas. A interatividade e o engajamento do público aumentaram, mas também surgiram novos desafios relacionados à desinformação e à verificação de fatos. (BRIGGS; BURKE, 2009)

Para os autores, a incorporação da inteligência artificial no jornalismo pode ser justificada como uma transformação tecnológica de impacto comparável às redes sociais e à internet. Historicamente, o jornalismo tem sido moldado por inovações tecnológicas que transformam a produção, distribuição e consumo de notícias: a invenção da prensa tipográfica por Johannes Gutenberg em 1440, por exemplo, democratizou o acesso ao conhecimento e possibilitou a circulação de ideias em uma escala sem precedentes; posteriormente e de forma similar, a introdução do rádio e da televisão no século XX trouxe novas formas de transmissão de notícias, ampliando o alcance e a influência do jornalismo na formação da opinião pública.

Com a chegada da internet nos anos 1990, o jornalismo teve que se adaptar à publicação *online*, à interação com audiências globais e à navegação em um ambiente digital dinâmico. Como já visto, nos anos 2000, as redes sociais revolucionaram ainda mais o panorama do jornalismo, permitindo a “viralização” de informações e o aumento da interatividade bem como do engajamento do público.

A IA, especialmente por meio de tecnologias como o ChatGPT e LLMs, representa a seguinte grande transformação tecnológica no jornalismo. Trata-se de tecnologias com potencial de automatizar tarefas repetitivas, melhorar a personalização de conteúdos e oferecer novas formas de engajamento com o público. Além disso, a IA pode auxiliar na verificação de fatos e na detecção de desinformação, contribuindo para o enfrentamento de alguns dos desafios críticos que surgiram com a proliferação das redes sociais.

Conforme Bucci afirmou em sua entrevista, "as tecnologias não são o centro da nossa profissão". Essa perspectiva ressalta que, embora a tecnologia continue a evoluir e impactar o jornalismo, a essência da profissão - o compromisso com a verdade e a responsabilidade

social - permanece inalterada. A IA, portanto, deve ser vista como uma ferramenta poderosa que pode complementar e aprimorar as práticas jornalísticas, mantendo seus princípios fundamentais.

Assim, a incorporação da IA no jornalismo é uma continuação natural do padrão histórico de adaptação às inovações tecnológicas, refletindo a resiliência e a capacidade de evolução da profissão em resposta às novas demandas e oportunidades. O Quadro 4 incorpora, à linha do tempo traçada por Briggs e Burke (2009), mais um salto tecnológico:

**Quadro 4. História do jornalismo marcada pelos saltos tecnológicos e seus impactos**

SÉCULO	INOVAÇÃO	DESCRIÇÃO	IMPACTO
XV	1440: imprensa de Gutenberg	Invenção da prensa tipográfica	Democratização do acesso ao conhecimento
XVII	1605: primeiro jornal periódico	Surgimento dos jornais periódicos	Estabelecimento de jornais como fonte regular de informações
	1665: <i>The Oxford Gazette</i>		
XVIII	1702: <i>Daily Couran</i> , primeiro jornal diário	Expansão e diversificação dos jornais	Desenvolvimento de uma cultura de leitura de jornais
XIX	1830s: invenção do telégrafo por Samuel Morse	Comunicação rápida entre correspondentes	Enriquecimento das narrativas jornalísticas
	1860s: introdução da fotografia no jornalismo		
	1830s: <i>New York Sun</i> de Benjamin Day	Início da era da <i>penny press</i>	Facilitação da distribuição rápida de jornais
XX	1920s: o rádio torna-se uma fonte importante de notícias	Alcance instantâneo e massivo das notícias	Democratização do acesso à informação
	1950s: a televisão transforma o jornalismo	Cobertura visual de eventos importantes	
	1990s: a internet permite o acesso a informações em tempo real	Jornalismo <i>online</i>	
XXI	2000s: impacto de redes sociais como Facebook e Twitter	Mudança do panorama do jornalismo	Desafios de desinformação e novas formas de engajamento
	2020s: modelos de IA como ChatGPT	Utilização de IA no jornalismo	Automatização da redação e análise de notícias

Fonte: adaptado pela autora de Briggs; Burke (2009)

## Desafios atuais do jornalismo

A contínua volatilidade no mercado publicitário, aliada às mudanças no comportamento do público em direção às plataformas digitais, está apresentando desafios significativos para os meios de comunicação tradicionais, segundo Newman (2024).

Os canais de notícias televisivos estão enfrentando desafios crescentes. Historicamente, eles investiram pouco em transformação digital e agora estão lutando para reter a atenção do público, que rapidamente migra para serviços *de streaming* digital. Essa transição é exacerbada pela pressão competitiva de marcas de mídia nascidas no digital, como Vox e Vice, que, apesar de inicialmente prosperarem por meio de plataformas sociais, agora também estão enfrentando a necessidade de se reestruturar devido às mesmas pressões de mercado. (NEWMAN, 2024)

Essas tendências indicam uma transformação mais ampla na paisagem da mídia, impulsionada por avanços tecnológicos e uma mudança no comportamento do consumidor em direção ao consumo digital. O declínio dos modelos de mídia tradicionais apresenta desafios significativos para a acessibilidade e a qualidade das notícias, bem como para aqueles empregados na indústria, esclarece Newman (2024).

Plataformas como o Facebook e o Twitter, ao privilegiarem criadores de conteúdo em detrimento de jornalistas, e ao implementarem mudanças como a remoção de indicadores de manchetes, diminuíram consideravelmente a sua utilidade como redes, como fontes de tráfego e consumo de notícias para editores locais e nacionais em todo o mundo. Isso é evidenciado pelo declínio significativo no tráfego para produtores de notícias e mídias tradicionais: queda de cerca de 48% para o Facebook, como observado na Índia, onde essas plataformas são consideradas praticamente inúteis para organizações de notícias. (NEWMAN, 2024)

O declínio das redes sociais tradicionais como o Facebook e o X é impulsionado por duas mudanças significativas, conforme defende o autor. Primeiramente, a natureza tóxica das conversas sobre notícias e política tem empurrado os usuários para espaços privados, como aplicativos de mensagens, resultando em mais conteúdo problemático para as plataformas abertas lidarem. Em segundo lugar, redes baseadas em conteúdo, como YouTube e TikTok, estão crescendo rapidamente devido ao acesso dos criadores a ferramentas poderosas de

criação e distribuição, sendo cada vez mais preferidas por audiências mais jovens para acessar notícias.

Para muitos editores de notícias, a ascensão das plataformas de vídeo, como YouTube e TikTok, representa um desafio considerável porque, além do vídeo não ser uma habilidade natural para muitos desses editores que já estão no mercado, o formato oferece poucas oportunidades para levar a audiência de volta aos sites de notícias nos quais, de fato, conseguem monetizar o conteúdo produzido. (NEWMAN, 2024)

Além disso, as empresas tradicionais de notícias concorrem diretamente com criadores de conteúdo que estão mais familiarizados com as normas e linguagens desses espaços, o que acarreta mais dificuldades para esses veículos tradicionais obterem visibilidade dentro dessas plataformas em comparação com os demais produtores de conteúdo.

Em resposta a tal cenário, os editores, que reconhecem a importância de envolver as futuras gerações de audiência, planejam intensificar sua presença em vídeos curtos, com maior esforço para o TikTok e YouTube, como aponta Newman. Oportunidades de engajamento em fontes de tráfego emergentes, como WhatsApp, LinkedIn e Google Discover, também chamam a atenção, com destaque para a necessidade de adaptação e integração eficiente para alcançar essas audiências em evolução. (NEWMAN, 2024)

O objetivo dos produtores de notícias, ou editores, continua sendo fortalecer o vínculo com sua audiência e direcioná-la para seus próprios canais e plataformas de distribuição de conteúdo, como *websites*, aplicativos, *newsletters* e *podcasts*. Isso ocorre em parte devido ao maior controle que possuem sobre essas plataformas e à redução de custos associada a elas. (NEWMAN, 2024)

Os editores desejam priorizar seus próprios canais e plataformas de conteúdo, ao mesmo tempo em que reconhecem um grande potencial na otimização de conteúdo para os mecanismos de busca. Isso permite não apenas fortalecer o engajamento com sua audiência por meio de seus próprios canais, mas também expandir seu alcance ao público que utiliza mecanismos de busca para acessar informações relevantes. (NEWMAN, 2024)

O WhatsApp está se tornando mais importante para as notícias, segundo o autor, com editores planejando aumentar seu uso devido às novas funcionalidades que permitem a criação de canais de transmissão. Embora isso possa gerar mais referências do que o

Facebook e o X, o WhatsApp não permite comentários abertos. No entanto, alguns editores veem o potencial dos canais do WhatsApp, que podem eventualmente ter o mesmo impacto que notificações push e newsletters.

As plataformas sociais estão buscando aumentar a receita com conteúdo pago, oferecendo privilégios extras para membros pagantes. O autor acredita que, embora o Meta esteja lançando versões pagas do Facebook e do Instagram na UE, isso é principalmente para atender às leis de privacidade, não representando uma mudança estratégica do modelo publicitário principal. A crescente preocupação com o rastreamento de dados também pode influenciar o valor que as pessoas atribuem à capacidade de optar por não participar dessas práticas.

Empresas como Google e a Microsoft estão explorando novas maneiras de apresentar conteúdo, conhecidas como Experiências Generativas de Pesquisa (*Search Generative Experience* - SGE), que fornecem respostas diretas às consultas, em vez de fornecer a lista tradicional de *links* para *sites*. Para os editores, acende uma preocupação com uma possível redução substancial no tráfego à medida que a inteligência artificial se integra aos mecanismos de busca

Os mecanismos de busca, como Microsoft Bing e Google, estão integrando inteligência artificial para fornecer respostas diretas às consultas dos usuários, incluindo notícias em tempo real. O Microsoft Bing colabora com a OpenAI, enquanto o Google lançou o Gemini, ambos treinados em conteúdo da internet e outras fontes. De acordo com Newman (2024), essas tecnologias têm o potencial de impactar o tráfego de referência para *sites* de notícias, o que preocupa os editores em razão de uma possível redução na necessidade de clicar nos *links* dos *sites*.

A preocupação dos editores está relacionada à redução de *links* para sites de notícias nos resultados de busca do Google, o que pode levar a uma diminuição no tráfego para esses sites. Além disso, a disrupção causada pela IA tende a agravar os problemas nos modelos de negócio das empresas de mídia, com a possibilidade de substituição de algumas funções das Redações pelos mecanismos de busca, como o SGE, conforme explica o autor.

A ascensão dos assistentes de inteligência artificial conversacionais está mudando a forma como descobrimos conteúdo, com plataformas como Perplexity.ai e Pi.ai, as quais permitem interações mais sofisticadas, incluindo a capacidade de resumir notícias e discutir diversos

tópicos. Isso sugere um aumento na substituição de funções jornalísticas tradicionais pela IA, o que vai impactar ainda mais os modelos de negócios da mídia. (NEWMAN, 2024)

A conscientização pública sobre ferramentas de inteligência artificial está crescendo, com cerca de dois terços da população adulta do Reino Unido tendo ouvido falar de *chatbots*, com o ChatGPT sendo o mais reconhecido. Embora o uso regular do ChatGPT ainda seja baixo, especialmente entre os adultos, há um aumento significativo na utilização entre os jovens. As principais razões para usar *chatbots* incluem fazer perguntas factuais rápidas, escrever ensaios e pesquisar tópicos de interesse. Isso reflete um interesse crescente em tecnologias de AI para diversas finalidades, inclusive na área jornalística. (NEWMAN, 2024)

Encontrar as últimas notícias não é atualmente um grande atrativo, mas essa dinâmica pode mudar à medida que grandes empresas aprimorem suas capacidades em tempo real ainda este ano, segundo compreende o autor. O curso desse cenário dependerá significativamente das decisões dos provedores de busca, especialmente do Google, que domina cerca de 90% do mercado. Eles precisam encontrar um equilíbrio entre seu modelo de negócios existente, centrado em *links*, e a necessidade de se manterem competitivos diante de outros provedores.

Os editores estão reavaliando a maneira como fornecem acesso ao seu conteúdo para plataformas de inteligência artificial, com metade dos principais editores interrompendo o acesso das grandes plataformas. No entanto, acordos pioneiros, como o realizado entre Axel Springer e OpenAI, estão emergindo como modelos potenciais para a indústria, dividindo os pagamentos entre taxas fixas para dados históricos e taxas anuais contínuas para novo conteúdo, com a esperança de que esses arranjos recompensem notícias de alta qualidade de fontes confiáveis. (NEWMAN, 2024)

Os editores estão buscando novos arranjos para controlar o acesso de plataformas de IA ao seu conteúdo, enquanto alguns já interromperam o acesso. No entanto, se esses acordos falharem, algumas organizações de notícias podem recorrer à influência política para promover a extensão de arranjos que obrigam as grandes plataformas a negociar pagamentos pelo uso de *links* de notícias.

Como foi possível notar, a IA está mudando a forma como consumimos notícias, tornando a entrega de informações mais personalizada e direta, mas também apresentando novos desafios e oportunidades para o setor de mídia. Hoje, além de "dar um Google", temos

plataformas, redes sociais, plataformas de vídeo e de transmissão *online* e, claro, *chatbots* que nos fornecem informações e respostas diretamente com base em nossos desejos (*prompts*), sem a necessidade de clicar em *links* ou ler longas notícias. Isso está impactando o tráfego dos editores e grandes veículos de notícias na internet. (NEWMAN, 2024)

Além desse movimento dos consumidores de conteúdo, temos também a mudança do modo como todos os conteúdos são encontrados, anunciados e ranqueados na internet. Se, antes, tornar-se relevante exigia um grande trabalho de *Search Engine Optimization* (SEO), agora, para aparecer nas respostas dos *chats*, temos que começar a usar o *Prompt Engine Optimization* (PEO).

A integração da IA no jornalismo representa uma das mais significativas transformações tecnológicas na indústria de mídia nas últimas décadas. Esse avanço não está apenas alterando as ferramentas e métodos usados pelos jornalistas, mas também está redefinindo a identidade do jornalista. A adoção consciente e crítica da IA no jornalismo pode potencialmente enriquecer a profissão, melhorando a qualidade e a profundidade das notícias, enquanto enfrenta os desafios de um cenário de mídia em rápida evolução.

Os editores sabem que precisam abraçar essas próximas disrupções, mas as implicações completas provavelmente não serão claras por algum tempo. Ao mesmo tempo, essas organizações também estarão focadas em usar tecnologias de IA para tornar seus negócios mais eficientes em um clima econômico cada vez mais difícil. Elas trabalharão para embalar e distribuir conteúdo de maneira que torne o jornalismo mais relevante para diferentes audiências, ajudando a abordar questões como baixo engajamento e a evasão seletiva de notícias (Newman, 2024, p. 34).

Enquanto esse processo continua, é crucial reagir e construir uma visão para o jornalismo na era da IA. À medida que avançamos, será fundamental entender não apenas os benefícios, mas também os desafios e as responsabilidades que acompanham a adoção dessas tecnologias inovadoras.

A IA está sendo empregada em várias facetas do jornalismo, desde a automação de tarefas repetitivas, como a coleta de dados e a redação de notícias básicas, até a análise complexa de grandes conjuntos de dados para reportagens investigativas. Essas ferramentas permitem uma eficiência e uma velocidade de produção de conteúdo que eram impensáveis

há poucos anos atrás. No entanto, a facilidade que a IA oferece traz consigo questões sobre a possível homogeneização do conteúdo jornalístico e a perda da singularidade na narrativa.

## **Impacto da IA generativa nas produções**

As ferramentas de IA têm a capacidade de gerar imagens, áudios e vídeos sintéticos em questão de segundos e direcionar grupos específicos de audiência em grande escala. Embora a oferta de conteúdo sintético deva aumentar significativamente em 2024, o impacto sobre os consumidores é mais difícil de prever. Muitos dos chamados *deep fakes* têm sido relativamente fáceis de identificar até agora, e apenas uma parte desse conteúdo é projetada para manipular ou confundir o público. A grande maioria dos editores entrevistados, de acordo com o "Journalism, Media, and Technology Trends and Predictions 2024", está pessimista quanto às implicações do uso dessas ferramentas para a confiança nas notícias.

Alguns executivos de notícias citados no relatório "Journalism, media, and technology trends and predictions 2024" esperam que uma iminente enxurrada de conteúdo sintético e não confiável possa, paradoxalmente, fortalecer a posição do jornalismo tradicional. Eles acreditam que, diante da proliferação de informações falsas geradas por IA, o público pode voltar a confiar mais nos meios de comunicação tradicionais como fontes seguras e verificadas de informação, restaurando, assim, a confiança no jornalismo.

Até o momento, essas intervenções não parecem ter desempenhado um papel significativo nos resultados eleitorais. No entanto, uma pesquisa recente revelada pelo relatório mostrou que quase seis em cada dez adultos (58%) nos Estados Unidos acreditam que as ferramentas de IA provavelmente aumentarão a disseminação de informações falsas e enganosas durante a próxima campanha. A resposta das grandes empresas de tecnologia inclui não apenas a exigência de transparência no uso de IA, mas também um aumento nos esforços para garantir a integridade das eleições e a colaboração com verificadores de fatos.

A discussão se aprofunda ao considerar os desafios éticos e profissionais dessa transição. O relatório expressa preocupações sobre como a adoção desenfreada da IA pode levar à desvalorização da expertise jornalística e à erosão da confiança no jornalismo, especialmente se o conteúdo gerado por IA for indistinguível do conteúdo criado por humanos sem a devida transparência.

Embora a tecnologia de IA possa transformar muitos aspectos do jornalismo, a essência da profissão - contar histórias que informam, engajam e impactam as sociedades - permanecerá fundamentalmente uma atividade humana.

## JORNALISTA “CIBORGUE”

A IA pode aumentar a eficiência, automatizando tarefas e analisando grandes volumes de dados, mas também traz desafios éticos e profissionais significativos. A dependência de conteúdo gerado por IA pode comprometer a autenticidade e a profundidade das reportagens, desafiando noções tradicionais de autoria e precisão.

Na entrevista realizada com Ratier, ele aborda uma crise mais ampla no jornalismo, incluindo a perda de credibilidade e o impacto na função de fiscalização da profissão. Destaca que o “jornalismo perdeu o monopólio que talvez, em algum momento histórico, tenha tido”. Esse monopólio referia-se à profissão legitimada socialmente para fazer o relato e o comentário sobre a realidade. Ele reconhece que a IA pode intensificar esse movimento se for utilizada de maneira negativa, sem regulação ou com a redução da força de trabalho. Isso pode resultar em um aprofundamento do descrédito e, conseqüentemente, no enfraquecimento das funções ligadas à profissão jornalística.

Deak, também na entrevista que realizei, argumenta que, enquanto houver criatividade no jornalista, a profissão estará segura; no entanto, ele observa que muitas Redações se transformaram em fábricas de textos, seguindo manuais rígidos que limitam a criatividade. Essa padronização contribui para uma crise de leitura, pois os textos jornalísticos se tornaram insípidos e repetitivos. O professor alerta que a dependência de conteúdo gerado por IA pode exacerbar esse problema, já que a máquina até pode substituir tarefas técnicas, mas não a criatividade essencial do jornalismo.

Os jornalistas de hoje necessitarão encontrar um equilíbrio entre o uso de novas tecnologias e a manutenção dos padrões éticos e jornalísticos, adaptando-se para atender um público que exige rapidez e confiabilidade na informação em um ambiente de mídia em constante evolução.

Essa integração não apenas auxilia na eficiência e velocidade da produção jornalística, mas pede transformações, ainda que preserve a natureza do que significa ser um jornalista. As ferramentas digitais permitem uma nova forma de narrativa multimídia e interativa, essencial para atrair audiências modernas acostumadas ao consumo rápido de informação digital, entretanto não bastam em si próprias para garantir o sucesso.

As ferramentas digitais permitem uma nova forma de narrativa multimídia e interativa, essencial para atrair audiências modernas acostumadas ao consumo rápido de informação digital. Essas ferramentas, por si só, todavia, não garantem o sucesso.

A abordagem do jornalista “ciborgue” não só aumenta a eficiência e a precisão do jornalismo, como permite maior interação com o público ao utilizar a tecnologia para explorar as múltiplas possibilidades para entregar para sua audiência o conteúdo jornalístico enquanto, ao preservar a função e capacidade de discernimento do jornalista, mantém a qualidade e a acurácia, ou confiança, nas informações fornecidas.

O jornalista “ciborgue” integra ferramentas digitais em seu fluxo de trabalho de maneira orgânica. Isso inclui o uso de *softwares* de edição de texto, áudio e vídeo, plataformas de gestão de conteúdo, ferramentas de análise de dados e redes sociais. A capacidade de alternar entre diferentes tecnologias e escolher a ferramenta certa para cada tarefa é essencial.

Entretanto, não é sinônimo de aprender as entranhas das ferramentas tecnológicas disponíveis. Dominar e, principalmente, entender como funcionam essas ferramentas já é o suficiente para conseguir empregá-las de forma positiva. Não é necessário entender o funcionamento do motor de automóvel para dirigi-lo e se locomover por aí.

Como observou Bucci, os jornalistas que sabem programar em HTML, navegar na *Deep Web* e utilizar ferramentas de inteligência artificial se destacam entre seus pares. Ratier acrescenta a importância da “engenharia de *prompt*”, ou seja, a habilidade de formular perguntas eficazes para ferramentas de IA generativas como o ChatGPT como diferencial.

Apesar da integração de novas tecnologias, os princípios éticos do jornalismo permanecem inalterados. Bucci e Ratier enfatizam a necessidade de uma formação ética robusta, que inclui discussões sobre autoria, citação de fontes e transparência no uso de IA. A ética jornalística deve guiar o uso de tecnologias para assegurar a credibilidade e a integridade da informação.

A automatização de tarefas rotineiras, como a geração de resumos de jogos e a produção de textos com base em dados estruturados, permite aos jornalistas focarem em atividades mais criativas e analíticas. No entanto, como destaca Deak, a criatividade é um domínio no qual a IA ainda não pode competir plenamente, o que reforça a importância do componente humano no jornalismo.

A constante evolução tecnológica requer uma educação contínua para os jornalistas. Isso inclui não apenas o aprendizado de novas ferramentas, mas também a capacidade de se adaptar às necessidades específicas de cada situação jornalística. Instituições de ensino e Redações devem fomentar um ambiente de aprendizado constante.

Apesar da integração de novas tecnologias, a estrutura central da educação jornalística permanece estável. Bucci argumenta: "mas a formação do jornalista ela não teria, na minha maneira de ver, que passar por uma revisão estrutural, ao contrário." Ele sugere que, embora habilidades técnicas específicas possam ser adicionadas, os princípios fundamentais da educação jornalística devem permanecer constantes. Isso destaca o valor duradouro dos princípios jornalísticos e da educação humanista, mesmo à medida que a profissão evolui.

Ratier reforça essa visão ao discutir a importância de uma formação ética robusta: "Além dessa formação mais técnica, cabe a construção de um olhar mais crítico em relação a esse novo artefato humano." Ele sublinha a necessidade de discussões sobre autoria, citação de fontes e transparência no uso de IA na produção jornalística.

A metáfora do jornalista "ciborgue" captura a essência da adaptabilidade necessária na profissão jornalística contemporânea. Integrando-se com as inovações tecnológicas, os jornalistas podem ampliar suas capacidades, melhorar a eficiência e manter a relevância em um ambiente de mídia em rápida transformação. Ao mesmo tempo, a manutenção de princípios éticos e o foco na criatividade humana asseguram que o jornalismo continue a desempenhar seu papel vital na sociedade.

A capacidade de integrar novas tecnologias de maneira ética e eficaz define o jornalista do futuro. E, como afirmou Bucci, com quem concordo, "(...) não acho que as tecnologias são o centro da nossa profissão e mais ainda eu acho que elas nunca foram sendo a nossa profissão." Dessa forma, é possível dizer que a tecnologia é uma ferramenta poderosa, mas é a aplicação consciente e criativa dessa ferramenta que continuará a definir a essência do jornalismo.

Ratier destaca a importância da "engenharia de *prompt*," ou seja, como fazer as perguntas corretas para as inteligências artificiais generativas. Ele enfatiza que "esse é um trabalho que pode ser realizado tanto dentro da academia quanto fora", destacando a necessidade de uma formação técnica e crítica sobre o uso dessas novas ferramentas.

Deak complementa ao discutir que a profissão de jornalista foi impactada pela necessidade de novas habilidades: "O estudante que está na faculdade vai ser contratado para trabalhar na rede social, com sorte de algum veículo jornalístico, se não de alguma empresa qualquer." Para ele, a técnica continuará evoluindo, mas a criatividade é um domínio em que a IA ainda não pode competir plenamente: "A inteligência artificial é boa para reproduzir a técnica, mas não a criatividade."

Embora as tecnologias tenham transformado o jornalismo ao longo das décadas, Bucci também aborda as limitações dessas ferramentas, especialmente em relação ao que é inerentemente humano no jornalismo.

Ratier complementa essa visão ao destacar as limitações atuais da IA em contextos éticos e de apuração: "A questão ética, por exemplo, é um enorme desafio para a inteligência artificial, porque a ética jornalística tende a ser muito contextual." Ele também defende que a coleta de novas informações por meio de entrevistas e testemunhos em primeira pessoa é um campo em que a IA ainda não substitui os humanos de forma eficaz.

## Potencialidades

Embora a tecnologia tenha potencial para transformar a forma como consumimos notícias, o uso de IA por si só não garante a longevidade ou o sucesso de um produto. A descontinuação do [Artifact](#)<sup>7</sup> serve como um exemplo de que, apesar do entusiasmo em torno da IA, a verdadeira inovação e a aplicação eficaz dessa tecnologia ainda estão em desenvolvimento.

Rita Wu, na coluna "[O que o fim do Artifact nos mostra sobre o futuro](#)", explica que o uso de IA não garante sucesso, e muitos projetos baseados em IA que existiam antes do boom do ChatGPT em outubro de 2022 já acabaram. Artifact era um aplicativo de leitura de notícias que usava inteligência artificial para resumir artigos em diferentes estilos, adaptando o conteúdo ao público específico, como reescrever textos de forma simples, no estilo da Geração Z ou usando emojis. Apesar de suas capacidades inovadoras, [Artifact](#) não conseguiu manter seu sucesso e foi descontinuado pouco menos de um ano depois do lançamento.

---

<sup>7</sup> *Artifact* era um aplicativo agregador de notícias sociais personalizado que usa sistemas de recomendação para sugerir artigos.

O fim do Artifact exemplifica com propriedade os desafios que muitas iniciativas baseadas em IA enfrentam. A IA é um meio, não um fim, especialmente em produtos e serviços. Ela se tornará cada vez mais invisível, diluindo a atenção dos investidores. O sucesso recente do ChatGPT se deve ao fato de que as pessoas leem e escrevem menos, mas aqueles que escrevem bem sabem que não serão substituídos pela IA: eles a usarão de forma inteligente e otimizada.

Estamos testemunhando uma "corrida pela inteligência artificial", com todas as empresas adotando essa tecnologia, embora poucos realmente aproveitem seu potencial. Wu destaca que vivemos uma época em que a IA está mudando praticamente tudo, criando oportunidades ilimitadas para novas ideias. Diversos setores estão forçando o uso da IA, mesmo que muitas empresas já utilizassem algoritmos sem chamá-los assim. No futuro, será normal usar IA em todos os serviços tecnológicos sem precisar enfatizar isso.

Essas teorias fornecem uma base sólida para explorar como as práticas jornalísticas estão evoluindo em resposta às mudanças tecnológicas, destacando que essas ferramentas não estão simplesmente auxiliando os jornalistas, mas sim redefinindo o que eles são capazes de fazer e o próprio significado de sua profissão no mundo digital contemporâneo.

### **Vanessa Tavares e abusos tecnológicos**

A Editora Abril recentemente enfrentou uma controvérsia significativa ao retirar do ar textos sob suspeita de terem sido escritos por inteligência artificial e assinados pela jornalista Vanessa Tavares. A decisão da editora de remover esses textos reflete as preocupações crescentes sobre a autenticidade e a integridade do conteúdo mediado por IA, que pode não apenas influenciar a qualidade da informação, mas também afetar a credibilidade da própria instituição. O caso ilustra os dilemas éticos que as Redações enfrentam ao adotarem sistemas de IA para a geração de conteúdo e também enfatiza a necessidade de elaboração de diretrizes claras, bem como de adoção de uma abordagem transparente para integrar essa tecnologia ao jornalismo. Uma compreensão mais profunda dos riscos envolvidos no uso de IA é bem-vinda para garantir a integridade e a credibilidade do conteúdo jornalístico.

Nas três entrevistas que realizei, mencionei o episódio da Revista Abril e da jornalista fictícia, a Vanessa Tavares, questionando a capacidade da classe jornalística de enfrentar abusos tecnológicos.

Bucci oferece uma visão ponderada sobre a resistência coletiva. Ele reconhece que os jornalistas podem resistir a abusos tecnológicos, mas adverte contra o corporativismo: "eu poderia dizer sim os jornalistas podem ser capazes de opor uma resistência a isso e eu espero que consigam. Eu estaria dizendo a verdade, mas eu poderia dizer também que o corporativismo é a pior forma de artificialização da nossa profissão." Ele acredita que a resistência deve ser consciente e não apenas uma defesa corporativa.

O professor menciona casos de fraudes envolvendo tecnologias, destacando a rejeição atual contra certos usos de IA: "agora a palavra de ordem da temporada em curso é a rejeição a essas tecnologias." Ele cita exemplos de prêmios retirados após a descoberta de que as obras tinham sido geradas por IA, o que ilustra a tensão existente entre inovação tecnológica e integridade profissional.

Ratier, por sua vez, sugere que uma combinação de regulamentação e educação é necessária para lidar com os desafios apresentados pela IA: "Eu acho que todo esforço é válido... não vejo uma bala de prata assim como contra a desinformação. Eu vejo uma somatória de ações, regulação, educação midiática, a construção de leis."

Deak, por fim, também aborda a necessidade de uma resposta coletiva e regulatória. Ele afirma que a sociedade ainda está em um momento de transição quanto aos modelos de negócio e uso de tecnologias no jornalismo: "Nós estamos sendo, num certo sentido, roubados. A gente trabalha de graça para as companhias e esse tipo de conclusão só surge a partir do momento que você reflete sobre essas tecnologias".

### **Características do jornalista “ciborgue”**

O jornalista “ciborgue” utiliza ferramentas avançadas de inteligência artificial e outras tecnologias digitais no seu trabalho diário. Essa integração é fundamental para a coleta, processamento e apresentação de informações. Inspirada pelas teorias de N. Katherine Hayles e Donna Haraway, a figura do jornalista “ciborgue” é aqui compreendida como a representação de uma fusão entre humano e máquina, borrando as fronteiras tradicionais entre esses elementos.

Um jornalista “ciborgue” pode usar ferramentas de análise de dados para examinar grandes conjuntos de dados públicos, identificando tendências importantes para uma reportagem investigativa. Os jornalistas podem então usar *software* de IA para transcrever entrevistas rapidamente, verificar a autenticidade das informações coletadas e criar gráficos interativos

para visualizar dados complexos. O conteúdo final pode ser publicado em múltiplos formatos, incluindo artigos de texto, vídeos explicativos e infográficos interativos, todos adaptados para diferentes plataformas digitais e preferências de consumo de notícias.

Além disso, ele possui a capacidade de rapidamente se adaptar às novas tecnologias e de incorporá-las em suas práticas jornalísticas. Isso inclui o uso de *software* de análise de dados, algoritmos de aprendizado de máquina e plataformas de mídia digital. O jornalista “ciborgue” também é competente em diversas formas de mídia, incluindo texto, vídeo, áudio e gráficos interativos. Ele é versátil e pode produzir conteúdo em múltiplos formatos para diferentes plataformas.

O uso de tecnologias para criar narrativas multimídia e interativas que envolvem os espectadores de maneiras novas e inovadoras é uma característica marcante do jornalista “ciborgue”. O Digital News Project 2023 sugere que as organizações de notícias devem investir na formação de jornalistas para trabalhar eficazmente com IA. Isso inclui compreender as capacidades e limitações da tecnologia, bem como desenvolver habilidades em áreas nas quais a IA não pode replicar facilmente, como análise crítica, jornalismo investigativo e narrativa emocional. O quadro 5 compila o que considero como as características mais relevantes:

**Quadro 5. Características do jornalista “ciborgue”**

<b>CARACTERÍSTICA</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
<b>Integração de Tecnologia</b>	Utiliza ferramentas avançadas de inteligência artificial e outras tecnologias digitais no seu trabalho diário, essenciais para a coleta, processamento e apresentação de informações.
<b>Híbrido Humano -Máquina</b>	Representa uma fusão entre humano e máquina, inspirada pelas teorias de N. Katherine Hayles e Donna Haraway, borrando as fronteiras tradicionais entre esses elementos.
<b>Adaptabilidade</b>	Possui capacidade de se adaptar rapidamente às novas tecnologias, incorporando <i>software</i> de análise de dados, algoritmos de aprendizado de máquina e plataformas de mídia digital em suas práticas.
<b>Multimídia</b>	Tem competência em diversas formas de mídia, incluindo texto, vídeo, áudio e gráficos interativos. Produz conteúdo em múltiplos formatos para diferentes plataformas.
<b>Narrativa Interativa</b>	Faz uso de tecnologias para criar narrativas multimídia e interativas, envolvendo os espectadores de maneiras novas e inovadoras.

Fonte: elaborado pela autora

## As novas funções do jornalista “ciborgue”

O jornalista “ciborgue” utiliza ferramentas de IA para a automação de tarefas repetitivas, com a implementação de sistemas automatizados para tarefas como transcrição de entrevistas, coleta de grandes volumes de dados, análise de forma eficiente dos dados coletados (o que permite identificar tendências e padrões que podem não ser imediatamente visíveis quando são utilizados métodos tradicionais), verificação de fatos e redação de relatórios simples. Dessa forma, libera-se tempo para o jornalista se concentrar em tarefas mais complexas e criativas.

Outra função importante é a personalização de conteúdo: o jornalista “ciborgue” usa algoritmos para ajustar o conteúdo de acordo com as preferências e comportamentos dos leitores, proporcionando uma experiência de usuário mais relevante e envolvente. A produção de conteúdo multimídia é essencial, combinando texto, áudio, vídeo e gráficos interativos para contar histórias de maneira mais completa e envolvente, promovendo, assim, engajamento com o público, outra função-chave.

**Quadro 6. Funções do jornalista “ciborgue”**

<b>FUNÇÃO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
Coleta e análise de dados	Utilização de ferramentas de IA para coletar grandes volumes de dados e analisá-los de forma eficiente, identificando tendências e padrões não visíveis por meio de métodos tradicionais
Automação de tarefas repetitivas	Implementação de sistemas automatizados para tarefas como transcrição de entrevistas, verificação de fatos e redação de relatórios simples, liberando tempo para o jornalista se concentrar em tarefas mais complexas e criativas
Personalização de conteúdo	Capacidade de usar algoritmos para personalizar o conteúdo de acordo com as preferências e comportamentos dos leitores, proporcionando uma experiência de usuário mais relevante e envolvente
Engajamento com o público	Utilização de plataformas digitais e mídias sociais para interagir diretamente com o público, respondendo a perguntas e promovendo discussões, ajudando a construir uma relação de confiança com a audiência
Produção de conteúdo multimídia	Criação de conteúdo que combina texto, áudio, vídeo e gráficos interativos para contar histórias de maneira mais completa e envolvente

Fonte: elaborado pela autora

O professor Eugênio Bucci discutiu a capacidade das máquinas em desempenhar funções jornalísticas, reconhecendo que as tecnologias estão se desenvolvendo e podem realizar tarefas como escrever previsões do tempo, resultados esportivos e outras notícias automáticas. Ele mencionou que essas tecnologias já são utilizadas para tarefas como

anamnese em medicina e atendimento psicológico, evidenciando sua integração em várias profissões. No entanto, ele enfatiza que, apesar desses avanços tecnológicos, o jornalismo é uma prática política e humana, que envolve sensibilidade, análise e interpretação, aspectos que não podem ser completamente automatizados ou substituídos por máquinas. Ele argumenta que o jornalismo requer uma compreensão contextual e ética que vai além das capacidades das máquinas, defendendo que o elemento humano é fundamental no processo jornalístico.

André Deak expressou preocupação sobre a possibilidade de a inteligência artificial substituir jornalistas, principalmente em relação à capacidade da IA em replicar técnicas jornalísticas sem alcançar a criatividade humana. Bucci explicou em sua entrevista que, embora a inteligência artificial já esteja realizando tarefas automáticas que antes eram feitas por jornalistas, como redigir relatórios sobre o tempo ou resultados de jogos, não é provável que substitua completamente o jornalismo, especialmente nas áreas que requerem interação humana e tomadas de decisões éticas. Ratier apontou na nossa conversa para as limitações e desafios da IA no jornalismo, destacando que questões éticas, técnicas de apuração e criatividade ainda são domínios exclusivamente humanos. Assim como Bucci, ele argumentou que a IA, embora eficaz em trabalhar com gêneros textuais existentes, ainda não demonstrou capacidade de inventar novos gêneros e formas, elementos essenciais da criatividade humana.

Deak explorou como a inteligência artificial e o *big data* estão transformando o jornalismo, permitindo análises mais profundas e rápidas por meio de grandes volumes de dados. Ele destacou exemplos de como as ferramentas digitais podem ser usadas para melhorar a prática jornalística sem comprometer os princípios éticos, como no caso de um editor que usa IA para extrair *insights* de extensas planilhas de dados. Durante a entrevista de Bucci, ele refletiu sobre o impacto das tecnologias no papel dos jornalistas, sugerindo que, apesar da adoção de novas ferramentas, o elemento humano e democrático do jornalismo é insubstituível. Ele acredita que, mesmo com a modernização forçada nas Redações e na formação dos jornalistas, a essência da profissão deve continuar centrada na compreensão e na comunicação das complexidades humanas.

Bucci discutiu como as tecnologias sempre provocaram mudanças no jornalismo, mas enfatiza que o núcleo da formação jornalística deve permanecer focado no humanismo e na política, mais do que na tecnologia *per se*. Ele argumentou que, enquanto a IA pode assumir

funções mais mecânicas e repetitivas, o coração do jornalismo - a capacidade de interpretar, entender e comunicar nuances humanas - permanecerá fora do alcance das máquinas.

André Deak destaca a importância de os jornalistas não apenas criticarem ou rejeitarem a tecnologia, como a inteligência artificial, mas de se envolverem ativamente com ela para entenderem melhor seus usos e limitações. Ele aconselha que os jornalistas explorem as novas tecnologias para descobrir aplicações inovadoras que possam enriquecer a prática jornalística. Deak vê isso como uma forma de garantir que o jornalismo continue relevante e eficaz na era digital, evitando que se torne uma mera produção automatizada de conteúdo sem profundidade ou criatividade.

Ratier ressaltou a necessidade de regulamentação da IA, por considerar de forma atenta seu potencial para substituir empregos, e a importância de uma formação especializada em “engenharia de *prompt*” para preparar profissionais para interagir com sistemas de IA eficazmente. Ele discute a complexidade da desinformação e a semelhança da situação com o uso da IA, que também carece de soluções simples e demanda múltiplas ações como regulação, educação midiática e leis robustas. Aponta para a assimetria significativa entre grandes empresas de tecnologia e governos, enfatizando a importância da judicialização crescente e a necessidade de legislação trabalhista para moderar o uso da IA.

Além disso, Ratier reflete sobre a crise de credibilidade no jornalismo, questionando se a IA poderá intensificar esse processo. Explica que o jornalismo já não detém o monopólio da narrativa legítima sobre a realidade, afetando sua capacidade de atuar como um poder fiscalizador. Ele menciona que eventos como a Lava Jato mostraram que o impacto social das ações jornalísticas diminuiu e expressa preocupação de que a IA sem regulamentação adequada pode aprofundar o descrédito na profissão. Deak menciona o termo “pós-verdade” para discutir como a verdade e a factualidade aparentemente se tornaram menos importantes em um mundo saturado de informações rápidas e frequentemente não verificadas.

## CONCLUSÕES

Ao longo deste trabalho, explorei a complexa e multifacetada interação entre a IA e o jornalismo. Minha jornada começou com uma curiosidade inerente por tecnologia e uma aversão a tarefas repetitivas, características que naturalmente me direcionaram ao tema. A experiência prática em um jornal, no qual a automação desempenhava um papel crucial, reforçou meu interesse em entender como a IA poderia impactar as Redações.

O lançamento do ChatGPT pela OpenAI intensificou as discussões públicas sobre IA consolidando meu interesse em investigar se essa tecnologia poderia substituir os jornalistas. Casos como o de Vanessa Tavares e Clonapan sugerem que a substituição já está ocorrendo, de certa forma. No entanto, a questão não é tão simples. Por meio de entrevistas com jornalistas e revisões teóricas, ficou evidente que a IA não substituirá o jornalista, mas transformará a prática jornalística, criando novas oportunidades e desafios. As entrevistas revelaram aspectos multifacetados, destacando a importância da ética como um limite crucial para a operação da IA no jornalismo.

Essa percepção alinou-se com a literatura e os relatórios sobre tendências de mídia, mostrando que o verdadeiro desafio está em como o jornalismo e seus gestores de redação irão absorver e integrar esse novo salto tecnológico. Ao concluir este trabalho, reconheço que a pergunta central evoluiu de "A IA vai substituir o jornalista?" para "Como o jornalismo vai integrar a IA?". A tecnologia continua a avançar rapidamente, e o jornalismo deve acompanhar essas mudanças, sempre mantendo um olhar crítico e ético.

Revisando o trabalho finalizado, esta mudança de perspectiva foi crucial para abordar a pesquisa de forma menos simplista. A frustração de não conseguir abordar todos os aspectos desejados foi constante, mas necessária para manter o foco e a coerência do estudo.

Em última análise, este trabalho reflete uma breve investigação sobre o uso da IA no jornalismo e uma jornada pessoal de aprendizado. Espero que ele contribua para futuras discussões.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRESCITELLI, G. Mulheres são vítimas de Deep Fakes na mídia sintética. **Agemt Jornalismo PUC-SP**. Disponível em: <<https://agemt.pucsp.br/noticias/mulheres-sao-vitimas-de-deep-fakes-na-midia-sintetica>>. Acesso em 17 maio. 2024.

O que o fim do Artifact nos mostra sobre o futuro. **Blogs CNN**. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/rita-wu/tecnologia/o-que-o-fim-do-artifact-nos-mostra-so-bre-o-futuro/>>. Acesso em 17 maio. 2024.

RIBEIRO, P. V. **Jovem Pan usa plataforma de plágio com nome de Samy Dana para copiar reportagens de outros sites**. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2024/01/25/jovem-pan-usa-plataforma-de-plagio-com-nome-d-e-samy-dana-para-copiar-reportagens-de-outros-sites/>>. Acesso em: 17 maio. 2024.

**Abril retira do ar textos sob suspeita de terem sido escritos por IA**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2024/03/abril-retira-do-ar-textos-sob-suspeita-de-ter-em-sido-escritos-por-ia.shtml>>. Acesso em 17 maio. 2024.

**O impacto transformador da inteligência artificial na geração de conteúdo e imagem: uma jornada evolutiva**. IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/ibge-digital/38980-o-impacto-transformador-da-inteligencia-artificial-na-geracao-de-conteudo-e-imagem-uma-jornada-evolutiva.html>>. Acesso em 17 maio. 2024.

**Redes Neurais Artificiais**. Disponível em: <<https://sites.icmc.usp.br/andre/research/neural/>>. Acesso em 12 jun. 2024.

NEWMAN, N. **Journalism, media, and technology trends and predictions 2024**. Reuters Institute for the Study of Journalism. Disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/journalism-media-and-technology-trends-and-predictions-2024>>. Acesso em 12 jun. 2024.

CHERUBINI, F.; SHARMA, R. **Changing Newsrooms 2023 Media Leaders Struggle to Embrace Diversity in Full and Remain Cautious on AI Disruption**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <[https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2023-12/Cherubini\\_Changing\\_Newsrooms\\_2023.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2023-12/Cherubini_Changing_Newsrooms_2023.pdf)>. Acesso em 12 jun. 2024.

**O que o Digital News Report 2023 revela sobre o jornalismo e o consumo de informação**. Disponível em: <<https://ajor.org.br/o-que-o-digital-news-report-2023-revela-sobre-o-jornalismo-e-o-consumo-de-informacao/#:~:text=O%20Instituto%20Reuters%20divulgou%20nesta>>. Acesso em 17 maio. 2024.

**Changing Newsrooms 2023: Media leaders struggle to embrace diversity in full and remain cautious on AI disruption**. Reuters Institute for the Study of Journalism. Disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/changing-newsrooms-2023-media-leaders-struggle-embrace-diversity-full-and-remain-cautious-ai>>. Acesso em em 12 jun. 2024.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à internet.

DUQUE-PEREIRA, I. da S.; MOURA, S. A. de. **Compreendendo a Inteligência Artificial Generativa na Perspectiva da Língua**. SciELO Preprints, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7077>. Acesso em 11 jun. 2024.

HARAWAY, D. J. **Manifiesto Cíborg**.

KATHERINE HAYLES, N. **How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics**. Chicago, IL (USA): University of Chicago Press, 1999.

MARIUTTI, E. B. Ordem espontânea, complexidade e caos: tempo, criatividade e incerteza. Lugar Comum. **Estudos de mídia, cultura e democracia**, n. 63, p. 48–76, 2022.

MARIUTTI, E. B. **O enigma de Paul Virilio: visão maquínica e metamorfose da percepção**. Disponível em: <https://www.ie.unicamp.br/images/arquivos/artigos/TD/TD461.pdf>. Acesso em 17 maio. 2024a.

MARIUTTI, E. B. **Três visões sobre a pós-modernidade**: Gianni Vattimo, Bruno Latour e Fredric Jameson. Disponível em: <https://www.ie.unicamp.br/images/arquivos/artigos/TD/TD459.pdf>. Acesso em 17 maio. 2024b.

MARIUTTI, E. B. **Regimes escópicos em disputa**: digitalização, metamorfose da percepção e vias para a pós-modernidade. Disponível em: <https://www.ie.unicamp.br/images/arquivos/artigos/TD/TD434.pdf>. Acesso em 17 maio. 2024c.

TEITELBAUM, B. R. **War for eternity**: inside Bannon's far-right circle of global power brokers. [s.l.] Dey St, 2020.

INSTITUTO REUTERS PARA O ESTUDO DO JORNALISMO. **Digital News Report 2024**: Journalism, Media, and Technology Trends and Predictions. 2024. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2024>. Acesso em 12 jun. 2024.

## GLOSSÁRIO

## ÍNDICE

## ANEXO 1 - COMO SURTIU A TECNOLOGIA POR TRÁS DO CHATGPT

Segundo artigo “O impacto transformador da inteligência artificial na geração de conteúdo e imagem: uma jornada evolutiva” no site do IBGE, a evolução do entendimento textual e das tarefas de tradução na Inteligência Artificial testemunhou avanços significativos nos últimos 20 anos.

As Redes Neurais Recorrentes (RNNs)<sup>8</sup> foram pioneiras no processamento de sequências, permitindo que as máquinas compreendessem e gerassem texto. Esses modelos enfrentavam desafios, sendo limitados na captura de relações de longo prazo e sofrendo com o "desvanecimento do gradiente"<sup>9</sup>. Durante o final dos anos 2010, essas limitações abriram caminho para a ascensão dos modelos baseados em Transformers.

Desde 2017, os modelos baseados em Transformers, como o BERT (Bidirectional Encoder Representations from Transformers) e o GPT (Generative Pre-trained Transformer), transformaram a compreensão textual e as tarefas de tradução. Ao processar simultaneamente todas as palavras em uma sequência, esses modelos capturam conexões entre elas sem depender de uma estrutura sequencial fixa, superando as limitações das RNNs. Essa mudança permitiu uma compreensão mais profunda do contexto e das relações semânticas entre palavras e frases.

A evolução dos modelos de linguagem baseados em Transformer, foi marcada por interações que melhoraram gradualmente sua capacidade de compreensão e geração de texto. O GPT original, lançado pela OpenAI em 2018, treinado com uma ampla gama de dados disponíveis na internet, introduziu um modelo poderoso de linguagem com capacidade de gerar textos contextualmente coerentes. Posteriormente, o GPT-2, lançado em 2019, era consideravelmente maior e mais capaz, demonstrando habilidades impressionantes na geração de texto, embora tenha sido inicialmente retido devido a preocupações sobre seu potencial impacto na geração de desinformação.

---

<sup>8</sup> As Redes Neurais Recorrentes (RNNs) são um tipo de rede neural especialmente projetado para processar sequências de dados, como texto ou séries temporais. Elas são chamadas de "recorrentes" porque utilizam saídas anteriores como entradas para a fase atual, criando um tipo de memória que é útil para lidar com dados onde a ordem e o contexto são importantes. Contudo, as RNNs enfrentam desafios como o desvanecimento do gradiente, o que dificulta o aprendizado em sequências longas (elaborado com ChatGPT 3.5).

<sup>9</sup> O "desvanecimento do gradiente" é um problema comum em redes neurais profundas, especialmente aquelas com arquiteturas recorrentes, como as Redes Neurais Recorrentes (RNNs). Esse fenômeno ocorre quando os gradientes, que são usados para atualizar os pesos da rede durante o treinamento, tornam-se progressivamente menores à medida que retropropagam pelas camadas da rede. Isso pode resultar em uma estagnação do processo de aprendizado, pois as camadas mais profundas da rede recebem atualizações muito pequenas e praticamente não aprendem (elaborado com ChatGPT 3.5).

O avanço subsequente, o GPT-3, revelado em 2020, foi notável por seu tamanho colossal e capacidade de realizar uma variedade ainda maior de tarefas linguísticas. Com 175 bilhões de parâmetros, o GPT-3 demonstrou habilidades excepcionais em tradução, resolução de problemas, geração de texto e muito mais, mas ainda enfrenta desafios em manter a coerência e a compreensão contextual em diálogos extensos e complexos.

## ANEXO 2 - REDE NEURAIS E SISTEMAS COMPUTACIONAIS

Segundo a página do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC) da Universidade de São Paulo, redes neurais são sistemas computacionais modelados a partir das redes de neurônios biológicos, que têm a capacidade de aprender e realizar tarefas de forma adaptativa.

As redes neurais são algoritmos de aprendizado de máquina inspirados pela estrutura e funcionamento do cérebro humano. Esses algoritmos consistem em unidades denominadas neurônios, que são organizados em camadas. Cada neurônio recebe entradas, realiza um cálculo e emite uma saída, de forma semelhante à comunicação entre neurônios biológicos por meio de sinapses.

No processo de treinamento, as redes neurais ajustam as conexões entre os neurônios, conhecidas como pesos, baseando-se nos dados de entrada e nos erros observados na saída. Esse processo é análogo ao fortalecimento ou enfraquecimento das conexões sinápticas no cérebro durante a aprendizagem.

O processo de aprendizagem ocorre através de um método chamado backpropagation, onde o erro é calculado e propagado de volta pela rede para ajustar os pesos das conexões. Essa técnica permite que a rede aprimore seu desempenho na realização de tarefas específicas através de experiências ou dados de treinamento.

Apesar dessa inspiração, as redes neurais artificiais são simplificações e não replicam a complexidade total ou as capacidades cognitivas do cérebro humano. Elas são ferramentas matemáticas que imitam certos aspectos do processamento de informações biológicas, sem possuir consciência ou emoções. Duque-Pereira e Moura (2023, p. 12) explicam que "o aprendizado profundo, representado por redes neurais artificiais com múltiplas camadas, tem a capacidade de processar grandes volumes de dados e identificar padrões complexos, tornando-se uma ferramenta poderosa para tarefas como reconhecimento de imagem e compreensão de língua natural".

## ENTREVISTA NA ÍNTEGRA COM EUGENIO BUCCI

Eugênio Bucci é jornalista, professor e escritor reconhecido por suas contribuições ao campo do jornalismo e da comunicação. Professor na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), Bucci é autor de diversos livros e artigos que abordam questões éticas e políticas no jornalismo.

**Pergunta 1:** Quais são as credenciais de Eugênio Bucci em relação ao estudo da inteligência artificial no jornalismo?

**Resposta de Eugênio Bucci:**

"Eu não conheço as tecnologias. Eu estudo um pouco algumas questões relacionadas a isso e eu quero até situar você. Eu criei, fui um dos criadores e fui coordenador acadêmico de uma cátedra que vem se dedicando à inteligência artificial, a estudar a inteligência artificial com a sociedade. Essa cátedra é a Cátedra Oscar Salla, no Instituto de Estudos Avançados e eu deixei o ano passado a coordenação acadêmica dessa cátedra, onde eu fiquei por três anos. Quem me substituiu a meu convite foi o Pablo Ortellado. E a gente sempre convida um titular dessa cátedra e hoje é o Virgílio Almeida, que é um grande estudioso do assunto. Eu também sou de um grupo de pesquisa chamado Center for Artificial Intelligence da USP. E esse centro tem feito seminários, e eu sempre aprendo muito. Mas eu não sou um estudioso da inteligência artificial. Agora, o que a gente pode saber nessa altura do campeonato, essas linguagens de inteligência artificial generativa desempenham com bons resultados funções da linguagem. Esta semana eu vi uma banca de professor titular na medicina daqui da USP e aparece a menção a trabalhos científicos publicados sobre isso que a inteligência artificial faz anamnese com pacientes e é bem-sucedida nisso. Anamnese é a entrevista que o médico faz com o paciente para entender pela fala do paciente o que o paciente enfrenta, o que o incomoda, onde dói, por que ele está no médico? Inteligência artificial já faz isso e com ótimo desempenho em empatia. E há a inteligência artificial, que faz atendimento psicológico pelo telefone com pessoas com sucesso também. Então, o governo de São Paulo quer a inteligência artificial para dar aula para alunos. E, é óbvio, desde antes de aparecer a inteligência artificial, o computador e máquinas mais ou menos inteligentes faziam reportagens. Como assim? Não há apuração, mas redigiam relatos informativos sobre o tempo, sobre o resultado do jogo, sobre investimentos, sobre dados financeiros. Tudo isso já existia. Então é claro que haverá e já existe. Já existem relatos de uso dessas tecnologias para substituir trabalhos automáticos dos jornalistas. Então isso não é um alarme falso. Isso vai acontecer."

**Pergunta 3:** Como as inovações tecnológicas anteriores influenciaram o jornalismo, segundo Eugênio Bucci?

**Resposta de Eugênio Bucci:**

"Eu vou te falar uma coisa que parece coisa de alguém que vive no mundo da lua, mas há muito tempo nós temos inovações tecnológicas no nosso campo profissional. Quando surge o rádio, quando surge a televisão, quando surge o videotape, quando surgem canais interativos, quando surge depois a disseminação dos computadores, a disseminação dos computadores produziu o redesenho das Redações porque a própria figura do designer passou a ser incorporado pela rotina da redação. Era algo que acontecia meio do outro lado, fora da redação. Depois, as redes sociais facilitando a comunicação. Existe um grande jornalista. Eu não sei se você tem memória dele, é o Philip Meyer. Philip Meyer é um americano que escreveu um livro chamado *Precision Journalism* e depois escreveu *Data Journalism* para esse jovem jornalista, isso foi nos anos 60 e é um pouquinho depois. Ele já usava bancos de dados em computadores para fazer reportagem e com muito sucesso. Depois fazia isso com ajuda da internet. A internet redesenhou Redações. O fluxo editorial de jornais, como o *Guardian*, por exemplo, passou a incorporar a interlocução com os públicos para fazer a pauta, para entender a pauta. Quer dizer, o assunto chegava ao público antes de virar uma reportagem propriamente dita. Então, tudo isso o tempo todo leva as pessoas a dizerem o ensino do jornalismo vai mudar. E aí uma época o jornalista tem que saber programar em HTML. Jornalista tem que saber navegar na *deep web*. Tudo bem, tudo isso é verdade, mas a formação do jornalista ela não teria, na minha maneira de ver aqui, que passar por uma revisão estrutural. Ao contrário, nós temos que ensinar mais humanismo. Nós temos que ensinar mais política. Nós temos que ensinar antropologia, arte e linguagens criativas com o uso das tecnologias. Mas muitas vezes a tecnologia é uma forma de distribuição e nunca se ouviu dizer que o jornalista teria que estudar tipos de papel, tipos de tinta, teria que ser especialista em máquinas e impressoras ou teria que conhecer redes ferroviárias e rodoviárias para distribuir jornal. Quando a gente pensa que as tecnologias distribuem conteúdo, é bom que o jornalista saiba isso. É lógico. Quanto mais ele estudar, isso é melhor. Mas o que mais faz falta hoje para o jornalista é a capacidade de aprender, capacidade de se renovar e essa capacidade de aprender e capacidade de se renovar você faz uma base humanista. E então parece coisa de quem vive no mundo da lua, porque eu não acho que as tecnologias são o centro da nossa profissão. E mais ainda, eu acho que elas nunca foram o centro da nossa profissão."

**Pergunta 4:** Eugênio Bucci acredita que as tecnologias são o centro da profissão de jornalismo?

**Resposta de Eugênio Bucci:**

"Eu não acho que as tecnologias são o centro da nossa profissão. E mais ainda, eu acho que elas nunca foram o centro da nossa profissão."

**Pergunta 5:** Qual é a opinião de Eugênio Bucci sobre o uso de IA na medicina e no jornalismo?

**Resposta de Eugênio Bucci:**

"As tecnologias estão substituindo, o médico usa o tele atendimento e as primeiras filtragens de inteligência artificial já vêm sendo usadas. O Estadão publicou agora, domingo, uma matéria com base no Economist, mostrando como inteligência artificial está dando orientação de internação hospitalar, de gestão dos recursos da medicina. Mas ela não é o centro da medicina. Ela também não é o centro do jornalismo."

**Pergunta 6:** A tecnologia pode substituir o feeling do jornalista, segundo Eugênio Bucci?

**Resposta de Eugênio Bucci:**

"Isso a máquina pode fazer. Isso a máquina vai saber fazer. O que não diminui a necessidade desse feeling, a necessidade. Mas você está descrevendo aí uma habilidade que a psicologia mais rasteira ia chamar de interação interpessoal, sabe? É uma pessoa sensível para o outro. A máquina vai ter como decifrar linguagem corporal, pausas da linguagem, tudo isso vai fazer. Detector de mentira existe há muito tempo e basta você acoplar um detector de mentira a um desses algoritmos que fazem atendimento psicológico. A máquina poderá aprender a fazer isso. Assim como a máquina pôde aprender a jogar xadrez. E haverá muito mais coisa. Eu não vejo aí uma marca de distinção essencial. É claro que o talento do jornalista como entrevistador vai ter um valor. Sempre vai ter um valor. Mas a questão essencial é entender que as relações políticas são indelegáveis. Veja só, o bit do blog não conseguiu. Chegar na inteligência artificial, organizou sistemas bancários, organizou catalogação, mecanismos de busca, georreferenciamento. Mas não faz democracia. Mas não faz democracia. A máquina não faz democracia. A máquina pode ajudar, a democracia pode. Nós fazemos votação eletrônica no Brasil. A máquina está ajudando a democracia e muitas outras coisas. Mas a máquina não faz a democracia. A democracia é algo que decorre da condição humana e se dirige para a condição humana. E isso é essencial no jornalista. O jornalismo. O jornalismo é um campo, é um saber, uma prática."

**Pergunta 7:** Qual é a relação entre o jornalismo e a democracia, segundo Eugênio Bucci?

**Resposta de Eugênio Bucci:**

"O jornalismo é um campo, é um saber, uma prática essencialmente política. E isso só tem sentido na busca da democracia e naquilo que o ser humano aparece como origem e fim da vida social."

## ENTREVISTA NA ÍNTEGRA COM ANDRÉ DEAK

André Deak é professor de jornalismo e cinema e audiovisual, além de produtor de documentários. Com uma sólida carreira na área de comunicação digital e documentários de não-ficção, Deak é também fundador da produtora Liquid Media Lab. Além disso, ele é diretor do programa Café Filosófico na TV Cultura, contribuindo significativamente para a discussão sobre mídia e sociedade. Sua expertise o torna uma voz influente nas discussões sobre o impacto das novas tecnologias no jornalismo e na comunicação audiovisual.

**Pergunta 1:** Pode se apresentar brevemente para o nosso *podcast* sobre jornalismo e inteligência artificial?

**Resposta de André Deak:**

"Eu sou André Deak, sou professor de Jornalismo e de Cinema e Audiovisual na Faculdade ESPM em São Paulo. Sou produtor de documentário também, tenho uma produtora chamada Liquid Media Lab, que atua com comunicação digital e documentário não ficção no audiovisual, principalmente desde 2008. Eu dirijo lá o programa Café Filosófico, que passa na TV Cultura."

**Pergunta 2:** O que você acha do termo "pós-jornalista" e como ele se aplica ao jornalismo moderno?

**Resposta de André Deak:**

"Durante um tempo eu acho que usei essa definição porque o jornalismo, para mim, é uma crise permanente de identidade. Houve uma época que se falava em pós-jornalismo ou pós-jornalistas, da mesma forma que se fala na pós-modernidade. Um pouco assim, a gente sabe mais ou menos o que é o jornalismo. Então tem algumas premissas básicas da profissão. E aí talvez essas premissas estivessem ou estejam se diluindo em alguns aspectos. Acho que algumas coisas se mantêm e eu ainda continuo fazendo coisas que têm muita conexão com o interesse público. Acho que a ética jornalística também me acompanha na medida em que a gente se identifica como jornalista ao fazer ou documentarista. Enfim, é uma outra conversa complexa, mas há algumas premissas, sobretudo éticas, da profissão que a gente vem carregando eu e meus sócios. Digo a gente porque acho que é pós-dois. Nos formamos jornalistas, mas hoje em dia eu já me digo mais professor ou documentarista do que pós-jornalista."

**Pergunta 3:** Como a tecnologia influenciou as premissas do jornalismo ao longo do tempo?

**Resposta de André Deak:**

"Eu acompanho o início da web desde 94, quando chega no Brasil. Em 98 eu entro na faculdade de jornalismo. Tinha sido o ano que tinham acabado de substituir as máquinas de escrever na redação da faculdade por computadores. E aí a gente acompanha muitas das crises que a tecnologia veio trazendo em diversas profissões ou áreas do conhecimento. Eu passei um tempo também estudando cultura digital e uma linha do tempo. Talvez, se a gente pudesse traçar, a primeira indústria mais impactada foi justamente a do jornalismo, porque a internet de baixa qualidade, de baixa velocidade, permitia sua troca de texto no início e o texto começou a circular livremente. Antes era a primazia dos jornais, das revistas. Você ia ler notícia através de um pedágio que você pagava comprando ali um jornal ou uma revista. Mas tinha televisão. E aí pagando o pedágio através dos anúncios ali. De repente, num primeiro momento, a gente vê todo mundo escrevendo sobre tudo, blogs, principalmente. Depois a gente vê a música sofrendo também, um abalo sísmico com a chegada do torrent, por exemplo. E aí as coisas circulando mais livremente. E houve uma modificação na indústria também. Mais tarde, o audiovisual, os filmes. A gente ia na locadora pegar filme ou assistir na TV ou no cinema. Hoje não faz mais sentido pensar assim. A gente ainda vive esse momento de transição porque os modelos de negócio não estão bem resolvidos. Não se espera que o brasileiro médio vá pagar o Disney Plus ou a Netflix, ou HBO Max e tantos outros canais não agregadores. Então a gente vai ver algo acontecer ainda. Certamente o jornalismo tem de ser o primeiro lugar em que talvez essa onda tenha chegado. Viu primeiro, mas não necessariamente se preparou. Ou mesmo agora, quando sofre novas ondas, como redes sociais, como celulares equipados com todos os equipamentos possíveis para fazer qualquer reportagem. E a gente ainda vê a indústria e até estudantes de jornalismo falando que tem que voltar à obrigatoriedade do diploma como se fosse possível lutar contra algo que já está aí."

**Pergunta 4:** Como a descentralização de conteúdos influenciou a qualidade do jornalismo?

**Resposta de André Deak:**

"Quando a gente fala de qualidade, tantas coisas aconteceram por conta dessa descentralização de conteúdos, inclusive com muita qualidade ao mesmo tempo, talvez multiplicado por 1 milhão. Você tem muita gente falando qualquer coisa. Grosso modo, antigamente se falava assim 'o papel aceita tudo'. Isso, até a quantidade de coisas publicadas em papel no mundo, não é por isso que é bom. Mas tem muita coisa boa, porque a internet ou todas as tecnologias fazem mais ou menos o mesmo. Todo mundo pode produzir. Que bom! Agora, quem é que escuta? Essa é o momento em que estamos agora. Todo mundo fala, mas quem escuta?"

**Pergunta 5:** A tecnologia força uma modernização dos profissionais das Redações?

**Resposta de André Deak:**

"Olha, curiosamente o meu mestrado foi sobre as chamadas Novas Profissões do jornalista no Brasil. E aí eu investigava algumas fronteiras do conhecimento que alguns jornalistas de ponta estavam experimentando naquela época, 2011, quando eu fiz isso lá na ECA. Essas funções, novas funções dos jornalistas no Brasil eram assim: gestor de redes sociais, gestor de mídias sociais, programador, jornalista, programador, jornalista, *web producer*, produtor de site. Naquela época tinha uns dois ou três fazendo isso. Hoje as Redações estão coalhadas de gente que faz isso. E eu ousou dizer que a porta de entrada no jornalismo é pelas redes sociais. O estudante está na faculdade. Ele vai ser contratado para trabalhar na rede social, com sorte de algum veículo jornalístico, se não de alguma empresa qualquer, porque a gente viu isso acontecer também. Nesse primeiro momento, qualquer empresa que não tivesse um site, ela não existe. Agora, se ela não tem rede social, ela não existe e a gente vai ver ali na frente. Se ela não estiver fazendo vídeo, ela não existe. E as pessoas, uma vez mais, só consomem vídeo. Toda a *timeline* coalhada de vídeos e é isso que os algoritmos distribuem. Então vai modificar a profissão? Eu acho que vai, assim como já modificou. Olhando para trás, todos serão obrigados. Não há quem faça só texto ainda hoje. Mas veja, o mercado muda. Conheço casos de jornalistas de texto muito bons em suas áreas. Já falou bem. Agora você tem que fazer um vídeo no YouTube para cada texto. E se você não quiser fazer? Pois bem, então outro fará. A gente que será capaz de fazer texto, fazer um podcast, publicar alguma coisa num site em um publicador, em um WordPress. Ninguém precisa ser especialista em nada, eu acho. Se quiser, ótimo, pode ser. Inclusive vai abrir uma picada e talvez se tornar conhecido por isso. Inteligência artificial, chat GPT, ver. Neste exato momento aconteceu o que já aconteceu. Quem está mergulhando nisso vai se tornar conhecido por saber usar essas ferramentas. Provavelmente será contratado para usar isso no jornalismo e em outros lugares e ensinar a usar depois. Mas nesse momento é um nicho em aberto para as pessoas começarem a descobrir. Quem não quiser, não vai, vai fazer o que sempre fez, o mercado vai para essa direção. Não sei dizer também se é assim. Todo mundo vai ter que usar chat. Tem me parecido que a gente já está usando, enquanto o Google vai embutir isso dentro das suas ferramentas, o Bing lá, a Microsoft. Ninguém lembrava do Bing, mas eles já foram lá colocar o chat GPT para você fazer as perguntas. Dessa forma, para o buscador, não entendendo como uma ferramenta de pesquisa, entendendo algo que ela busca muitas vezes na Wikipedia, é preciso entender a ferramenta para também negá-la ou usá-la direito. Acho que nesse sentido, me parece que sim. Entender minimamente para que serve e se isso se dissemina de tal maneira que qualquer software que você utiliza para produzir textos, vídeo ou áudio poderá usar inteligência

artificial e eu estou dizendo isso porque já usa. Eu fui aqui editar um podcast e ele já me entrega a transcrição do áudio transcrito por Inteligência Artificial. O Word vai ter uma ferramenta de inteligência artificial, já tem o editor de vídeo, pode construir coisas ali também a partir de comandos verbais simples. Ele está na esquina, ali e não é assim ainda. Ali na frente já será. E aí me parece importante saber tanto quanto saber usar o Word, o processador de texto."

**Pergunta 6:** Qual é a sua perspectiva sobre a capacidade de a IA substituir jornalistas?

**Resposta de André Deak:**

"Eu li um texto recentemente de um sujeito chamado Kirby Ferguson. Ele faz um vídeo que eu gosto muito, chama Tudo é Remix. Ele fez esse vídeo há uns dez anos, e depois Remixou o próprio vídeo dez anos depois. Então tem duas versões desse documento que está disponível lá no YouTube. E ele dizia alguma coisa mais ou menos assim: a inteligência artificial, ela é boa para reproduzir técnica, mas não criatividade. Se você sabe o que quer, a diferença de técnica e arte, ele dirá. É mais ou menos assim: criatividade ou arte? Se você sabe o que você quer produzir. Então, minha mão. Eu tenho uma capinha de óculos que tem um design interessante. Você põe os óculos aqui. Se eu sei que quero fazer uma peça, eu dou uma ordem para uma máquina muito específica e a máquina, através da técnica, vai lá e faz isso melhor do que faria um técnico ou tão bem quanto. Agora, se eu pedir para a máquina inventar uma capinha de óculos criativa, diferente, ela provavelmente não o fará. Ou vai fazer coisas esquisitíssimas, erradas. Com cinco dedos. Mas a técnica acho que seguirá evoluindo. A parte da criatividade não está nem perto ainda da inteligência artificial conseguir reproduzir. Agora eu fiz uns testes. Eu tenho feito com meus alunos alguns testes. Aquele texto é o resultado do jogo do futebol. Se você diz para a máquina, eu faço um texto dizendo que o time que era um azarão ganhou. Ninguém esperava. E foi tanto, há tantos gols. Foram nesses minutos feitos por essas pessoas. A máquina cospe um texto lá, igual todos os textos que a gente está habituado a ver, porque são textos muito pouco criativos. Agora, se você colocar ela, se é um novo Nelson Rodrigues do futebol, vai que ela não vai ser. Tem parâmetro para isso. Então, enquanto houver criatividade no jornalista, eu acho que ela está segura. O problema é quando não há. E aí, se as Redações também se tornam fábricas de textos, como se tornaram em muitos casos, sobretudo nas últimas décadas. Você tinha lá os manuais de Redações e todo mundo o manual de redação. Ele é o *prompt* do jornalista. E se você não tem criatividade nenhuma naquilo agora, me parece que essa é uma das causas, inclusive da crise de leitura. As pessoas não procuram mais o jornalista. O texto jornalístico é insípido e ágil. Procuram outras coisas, procuram porque gostam de outras coisas, estão procurando opiniões mais

quentes, mais vivas ou porque estão seduzidas pela máquina de caça níqueis que é o algoritmo gerador de dopamina. Porque a gente clica mesmo naquele link que é sempre cinco coisas incríveis. A última vai te deixar louco. Aquilo não é exatamente criativo. Você vai ter as inteligências artificiais fazendo isso também, mas isso concorre com o texto jornalístico padrão hoje, para achar um link com um lide num texto só, tem que é até o final da página. Quero para o absurdo dos absurdos na minha época, mas agora isso chama de engajamento. Perde. Mas eu estou ficando velho e estamos livre."

**Pergunta 7:** Como você enxerga a modernização dos jornalistas frente às novas tecnologias como a IA?

**Resposta de André Deak:**

"Olha, curiosamente o meu mestrado foi sobre as chamadas Novas Profissões do jornalista no Brasil. E aí eu investigava algumas fronteiras do conhecimento que alguns jornalistas de ponta estavam experimentando naquela época, 2011, quando eu fiz isso lá na ECA. Essas funções, novas funções dos jornalistas no Brasil eram assim: gestor de redes sociais, gestor de mídias sociais, programador, jornalista, programador, jornalista, web producer, produtor de site. Naquela época tinha uns dois ou três fazendo isso. Hoje as Redações estão coalhadas de gente que faz isso. E eu ousou dizer que a porta de entrada no jornalismo é pelas redes sociais. O estudante está na faculdade. Ele vai ser contratado para trabalhar na rede social, com sorte de algum veículo jornalístico, se não de alguma empresa qualquer, porque a gente viu isso acontecer também. Nesse primeiro momento, qualquer empresa que não tivesse um site, ela não existe. Agora, se ela não tem rede social, ela não existe e a gente vai ver ali na frente. Se ela não estiver fazendo vídeo, ela não existe. E as pessoas, uma vez mais, só consomem vídeo. Toda a timeline coalhada de vídeos e é isso que os algoritmos distribuem. Então vai modificar a profissão? Eu acho que vai, assim como já modificou. Olhando para trás, todos serão obrigados. Não há quem faça só texto ainda hoje. Mas veja, o mercado muda. Conheço casos de jornalistas de texto muito bons em suas áreas. Já falou bem. Agora você tem que fazer um vídeo no YouTube para cada texto. E se você não quiser fazer? Pois bem, então outro fará. A gente que será capaz de fazer texto, fazer um podcast, publicar alguma coisa num site em um publicador, em um WordPress. Ninguém precisa ser especialista em nada, eu acho. Se quiser, ótimo, pode ser. Inclusive vai abrir uma picada e talvez se tornar conhecido por isso. Inteligência artificial, chat GPT, ver. Neste exato momento aconteceu o que já aconteceu. Quem está mergulhando nisso vai se tornar conhecido por saber usar essas ferramentas. Provavelmente será contratado para usar isso no jornalismo e em outros lugares e ensinar a usar depois. Mas nesse momento é um nicho em aberto para as pessoas começarem a descobrir. Quem não quiser, não vai, vai

fazer o que sempre fez, o mercado vai para essa direção. Não sei dizer também se é assim. Todo mundo vai ter que usar chat. Tem me parecido que a gente já está usando, enquanto o Google vai embutir isso dentro das suas ferramentas, o Bing lá, a Microsoft. Ninguém lembrava do Bing, mas eles já foram lá colocar o chat GPT para você fazer as perguntas. Dessa forma, para o buscador, não entendendo como uma ferramenta de pesquisa, entendendo algo que ela busca muitas vezes na Wikipedia, é preciso entender a ferramenta para também negá-la ou usá-la direito. Acho que nesse sentido, me parece que sim. Entender minimamente para que serve e se isso se dissemina de tal maneira que qualquer software que você utiliza para produzir textos, vídeo ou áudio poderá usar inteligência artificial e eu estou dizendo isso porque já usa. Eu fui aqui editar um podcast e ele já me entrega a transcrição do áudio transcrito por Inteligência Artificial. O Word vai ter uma ferramenta de inteligência artificial, já tem o editor de vídeo, pode construir coisas ali também a partir de comandos verbais simples. Ele está na esquina, ali e não é assim ainda. Ali na frente já será. E aí me parece importante saber tanto quanto saber usar o Word, o processador de texto."

**Pergunta 8:** Como você vê o uso da IA para melhorar a eficiência dos jornalistas?

**Resposta de André Deak:**

"Olha, eu estava conversando com uma conhecida que é editora do Intercept e ela estava me dizendo o seguinte: Eu não converso com muita gente que trabalha com jornalismo de base de dados. Inclusive era uma das profissões citadas lá no meu trabalho de 2011. O jornalista especializado em big data, que nem existe essa palavra, mas ela estava me contando que agora, com a inteligência artificial, em vez dela pegar uma planilha que tem 200 páginas de Excel e ficar ali olhando e tentando ela mesma extrair conexões, ela joga isso numa inteligência artificial e pergunta para a inteligência quais são as conexões, quais são os pontos fora da curva e a coisa entrega para ela muitas coisas, muitos insights que ela levaria dias, semanas para descobrir. A gente vive esse momento, que é um momento em que pouca gente sabe alguma coisa. Então a gente está todo mundo impactado."

**Pergunta 9:** Como os jornalistas podem utilizar as novas tecnologias sem comprometer a ética e a qualidade do jornalismo?

**Resposta de André Deak:**

"Eu acho que é importante entender minimamente para que serve a ferramenta. E se isso se dissemina de tal maneira que qualquer software que você utiliza para produzir textos, vídeo ou áudio poderá usar inteligência artificial. Já estamos vendo isso, como quando eu fui

editar um podcast e ele já me entregou a transcrição do áudio transcrito por Inteligência Artificial. O Word já tem uma ferramenta de inteligência artificial, e o editor de vídeo também pode construir coisas a partir de comandos verbais simples. Isso vai ser cada vez mais comum, e é importante saber usar essas ferramentas tanto quanto saber usar o Word. Mas, claro, a criatividade ainda é fundamental, e a inteligência artificial ainda está longe de alcançar esse nível de criatividade humana."

**Pergunta 10:** Quais são os desafios enfrentados pelo jornalismo na era da inteligência artificial?

**Resposta de André Deak:**

"Mas eu li um texto recentemente de um sujeito chamado Kirby Ferguson. Ele faz um vídeo que eu gosto muito, chama Tudo é Remix. Ele fez esse vídeo há uns dez anos, e depois Remixou o próprio vídeo dez anos depois. Então tem duas versões desse documento que está disponível lá no YouTube. E ele dizia alguma coisa mais ou menos assim: a inteligência artificial, ela é boa para reproduzir técnica, mas não criatividade. Se você sabe o que quer, a diferença de técnica e arte, ele dirá. É mais ou menos assim: criatividade ou arte? Se você sabe o que você quer produzir. Então, minha mão. Eu tenho uma capinha de óculos que tem um design interessante. Você põe os óculos aqui. Se eu sei que quero fazer uma peça, eu dou uma ordem para uma máquina muito específica e a máquina, através da técnica, vai lá e faz isso melhor do que faria um técnico ou tão bem quanto. Agora, se eu pedir para a máquina inventar uma capinha de óculos criativa, diferente, ela provavelmente não o fará. Ou vai fazer coisas esquisitíssimas, erradas. Com cinco dedos. Mas a técnica acho que seguirá evoluindo. A parte da criatividade não está nem perto ainda da inteligência artificial conseguir reproduzir. Agora eu fiz uns testes. Eu tenho feito com meus alunos alguns testes. Aquele texto é o resultado do jogo do futebol. Se você diz para a máquina, eu faço um texto dizendo que o time que era um azarão ganhou. Ninguém esperava. E foi tanto, há tantos gols. Foram nesses minutos feitos por essas pessoas. A máquina cospe um texto lá, igual todos os textos que a gente está habituado a ver, porque são textos muito pouco criativos. Agora, se você colocar ela, se é um novo Nelson Rodrigues do futebol, vai que ela não vai ser. Tem parâmetro para isso. Então, enquanto houver criatividade no jornalista, eu acho que ela está segura. O problema é quando não há. E aí, se as Redações também se tornam fábricas de textos, como se tornaram em muitos casos, sobretudo nas últimas décadas. Você tinha lá os manuais de Redações e todo mundo o manual de redação. Ele é o prompt do jornalista. E se você não tem criatividade nenhuma naquilo agora, me parece que essa é uma das causas, inclusive da crise de leitura. As pessoas não procuram mais o jornalista. O texto jornalístico é insípido e ágil. Procuram

outras coisas, procuram porque gostam de outras coisas, estão procurando opiniões mais quentes, mais vivas ou porque estão seduzidas pela máquina de caça níqueis que é o algoritmo gerador de dopamina. Porque a gente clica mesmo naquele link que é sempre cinco coisas incríveis. A última vai te deixar louco. Aquilo não é exatamente criativo. Você vai ter as inteligências artificiais fazendo isso também, mas isso concorre com o texto jornalístico padrão hoje, para achar um link com um lide num texto só, tem que é até o final da página. Quero para o absurdo dos absurdos na minha época, mas agora isso chama de engajamento. Perde. Mas eu estou ficando velho e estamos livre."

**Pergunta 11:** Quais são os riscos de substituir jornalistas por IA nas Redações?

**Resposta de André Deak:**

"Olha, eu vejo o problema de uma outra perspectiva, que acrescenta uma outra complexidade, que é para o leitor, faz diferença. Se é a Vanessa Tavares é uma pessoa, é ou não? Porque esse não faz diferença. Aí realmente é um problemaço. Porque. E aí, como é que você vai justificar que a empresa tem uma pessoa que faça? Nada melhor do que faz um processador de texto aqui com o autocorretor e ah, mas se eu não estou dizendo para ir atrás do mercado também não, tudo vai virar. Caça click. Mas acho que o momento em que a gente vive já há algumas décadas se aprofundando e a sociedade enxerga valor no jornalismo imparcial. E que realizador de coberturas de interesse público. A impressão que eu tenho é que sim, mas a gente não. E não é assim também tão óbvio e é sobretudo o financiamento para isso. Não tem sido também óbvio."

**Pergunta 12:** Qual é a importância do jornalismo na era da pós-verdade?

**Resposta de André Deak:**

"Mas não me parece que é judicializado ou obrigado pelos sindicatos que cada revista tem. Um jornalista com diploma que você segura um tsunami ou gravatinha para segurar a barragem de Mariana. E qual é? Como é que segura, que segura? E olhando para a infraestrutura maior, eu acho que o problema está em muitos outros lugares. Também aí, mas em muitos outros lugares também. Tá pensando aqui não. Comprando o julgamento do julgamento do Trump lá, enfim, a gente vê a falar a verdade. Deixou de ser tão importante. Sim, tanto falava de pós-jornalista no termo do ano. Em determinado ano foi pós-verdade. Como é que se vive numa era em que não importa mais o que é verdade e é difícil para quem é jornalista? No entanto, eu acho que jornalismo é uma das funções ainda. Mais importantes, básicas, dessa salvaguarda que a gente tem para a democracia que a gente espera."

**Pergunta 13:** Como os jornalistas podem se adaptar à era da pós-verdade e manter a relevância?

**Resposta de André Deak:**

"Fui curioso que eu entrevistei, eu gerei Bush na sexta e a resposta dele foi bem nesse sentido mesmo, de que é o último bastião da democracia. O jornalista consegue entender política, relações políticas para trazer isso para a profissão. Ele foi meu professor algumas vezes e foi meu chefe. Durante cinco anos que eu trabalhei em Brasília. E é quase uma citação dele quando eu falo ele."

**Pergunta 14:** Quais são as novas possibilidades de exploração de linguagens trazidas pela IA?

**Resposta de André Deak:**

"Essa tecnologia. Ela traz uma possibilidade de exploração de linguagens que antes a gente não tinha, seja porque é possível fazer uma quantidade absurda de coisas. E aí eu queria entender como você quer que o jornalista, o que vai ser daqui, está estudando para ser jornalista? O que está no mercado agora? No que ele pode se apropriar disso sem fazer, sem ultrapassar esses limites, sem cometer esses abusos? Como que a gente pode incorporar isso para ser melhores jornalistas?"

**Pergunta 15:** Como a inteligência artificial pode ajudar na investigação jornalística e análise de dados?

**Resposta de André Deak:**

"Converso com muita gente que trabalha com jornalismo de base de dados. Inclusive era uma das profissões citadas lá no meu trabalho de 2011. O jornalista especializado em big data, que nem existe essa palavra, mas ela estava me contando que agora, com a inteligência artificial, em vez dela pegar uma planilha que tem 200 páginas de Excel e ficar ali olhando e tentando ela mesma extrair conexões, ela joga isso numa inteligência artificial e pergunta para a inteligência quais são as conexões, quais são os pontos fora da curva e a coisa entrega para ela muitas coisas, muitos insights que ela levaria dias, semanas para descobrir."

## ENTREVISTA NA ÍNTEGRA COM RODRIGO RATIER

Rodrigo Ratier é professor assistente do curso de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero (FCL-SP), onde também exerce a vice-coordenação do curso de jornalismo e supervisiona a revista laboratório digital Esquinas. Ele é colunista de educação no UOL, coordenador do blog Entendendo Bolsonaro (UOL) e cofundador do curso online Vaza, Falsiane, que combate notícias falsas. Sua carreira inclui passagens por publicações renomadas como Nova Escola, Superinteressante, Mundo Estranho e Galileu.

**Pergunta 1:** A primeira pergunta que gostaria de fazer é sobre toda essa polêmica em torno da possibilidade das inteligências artificiais, principalmente aquelas baseadas em modelos de linguagem como o GPT, substituírem os jornalistas.

### **Resposta de Rodrigo Ratier:**

"Acho que parte disso já está em andamento. Quando falamos de Inteligência Artificial, estamos falando de automação no jornalismo. Já existe uma parte do jornalismo que está automatizada com um tipo de Inteligência Artificial que não é generativa. Por exemplo, na produção de textos a partir de tabelas, como muitos artigos da Wikipédia, que são gerados a partir de um template onde um sistema puxa informações de uma planilha de Excel. Esse tipo de automação já é uma realidade. Outro tipo é o empacotamento de textos, onde trabalham com modelos de gênero. Por exemplo, quando você pede para um chat GPT fazer um resumo de um texto ou sugerir uma outra manchete, isso já está ocorrendo. O UOL, por exemplo, já utiliza um script que pega um minuto a minuto de um jogo e gera um texto de resumo. Então, parte disso já é uma realidade. O que talvez seja mais difícil é substituir cargos mais juniores ou estagiários, que fazem trabalhos menos complexos, como o que chamamos de 'cozinha' no jargão jornalístico, por software. Isso ainda precisa ser provado, pois o jornalismo tem uma etapa indissociável de coleta de informações e apuração, e a inteligência artificial depende que alguém forneça informações para poder trabalhar em cima delas."

**Pergunta 2:** E nesse sentido, quais são as modernizações que você imagina que especificamente da apuração, essa ferramenta vai requerer tanto na formação desse jornalista quanto nas Redações?

### **Resposta de Rodrigo Ratier:**

"Eu acho que, como um todo, essa ferramenta vai requerer uma mobilização social no sentido da regulação. Ela tem o potencial de eliminar muitos empregos, não só no jornalismo. Estava conversando com um amigo que é diretor de uma agência de marketing, e ele mencionou que a mesma coisa está acontecendo no marketing e no setor de saúde. Outro dia, conversei com uma amiga nutricionista sobre a geração de dietas, que podem ser feitas colocando inputs artificiais. A inteligência artificial já está impactando o mundo do trabalho como um todo, e isso vai refletir no jornalismo também.

Então, é importante estabelecer até onde essas inteligências podem ir, ou enfrentamos um potencial danoso de retirada de empregos no jornalismo. Uma parte da inteligência artificial é necessária e inevitável, exigindo uma formação técnica dos jornalistas que devem se familiarizar com o que chamamos de engenharia de prompt, ou seja, como fazer as perguntas corretas para as inteligências artificiais generativas. Esse é um trabalho que pode ser realizado tanto dentro da academia quanto fora dela.

Na academia, é o lugar mais propício para se discutir questões éticas, como autoria, citação de fontes e transparência, determinando em que momento informar que parte relevante de um texto foi gerada por inteligência artificial. Além dessa formação técnica, a academia deve promover uma construção crítica em relação a esse novo artefato humano. Essas ferramentas, como os chats, têm o potencial de liberar os jornalistas para tarefas mais criativas, aprendendo a usar templates e modelos prontos de texto que são bem trabalhados pela inteligência artificial."

**Pergunta 3:** E sobre a questão de liberar os jornalistas para tarefas mais intelectuais, você acha que essa promessa se cumpre?

**Resposta de Rodrigo Ratier:**

"Então, veja assim, Giovana, eu acho que esse 'liberar' é sempre a promessa do capitalismo, né? Toda vez que entra uma inovação tecnológica, há a promessa de que você ficará mais livre para ser autor, realizar melhores apurações, e ter uma atividade intelectual e menos braçal. A questão é que essa promessa nunca se cumpre, né? As inovações tecnológicas na história da humanidade em geral têm sido usadas para dispensar força de trabalho.

Nesse sentido, é importante ter uma regulação, que eu não vejo acontecendo. Por exemplo, a estagiária da Globo pode ouvir: 'Olha, essas notinhas, essas 13 notas, você tem que fazer por dia, só copiando agência de notícia.' A Inteligência Artificial pode fazer isso, liberando-a para ir para a rua, procurar boas pautas, se deixar surpreender pela realidade e trazer coisas significativas para a gente. Eu realmente não vejo isso acontecendo, né?

Mas reconheço que a promessa do capitalismo é sempre essa, né? 'Vamos colocar a inteligência como aliada da liberdade humana, para que homens e mulheres possam exercer seu amplo potencial intelectual, etc. e tal.' É lindo, né? Mas assim, a gente já viu isso acontecendo ao longo da história, com a digitalização e outras inovações, e isso não rolou."

**Pergunta 4:** Inclusive, não sei se teve a chance de acompanhar um caso que a Folha expôs sobre a Editora Abril, que criou uma repórter chamada Vanessa Tavares. Ela publicou cerca de 20 notícias por dia entre Natal e Ano Novo, mas ninguém encontrou a jornalista. Nesse caso, a pauta surgiu como uma fofoca nos corredores. Você acha que existe um potencial de sindicatos para combater esse abuso da Inteligência Artificial?

**Resposta de Rodrigo Ratier:**

"Eu acho, Giovana, que todos os esforços são válidos. Vamos pegar aqui como paralelo a questão da desinformação. Não vejo uma bala de prata contra desinformação; vejo uma somatória de ações: regulação, educação midiática, construção de leis que prevejam, de alguma forma, a correção de crimes no ambiente virtual, e a desmonetização de perfis que trabalham corriqueiramente com falsidades, entre outras medidas. Com a inteligência artificial, o panorama atual também apresenta uma grande assimetria entre as chamadas Big Techs (plataformas e redes sociais) e o restante do mundo, incluindo governos nacionais e supranacionais. A União Europeia, por exemplo, está tentando enquadrar Google, Facebook e outras grandes empresas de tecnologia.

Esse problema exige todo tipo de ação possível. A judicialização está acontecendo cada vez mais, como mencionado, com veículos de mídia barrando seu conteúdo para que não seja usado para treinar inteligências artificiais. Além disso, precisamos de mais e melhores leis que possam regular a inteligência artificial, incluindo aspectos trabalhistas que moderem seu uso. A formação e a educação midiática para a inteligência artificial são cruciais para explicar as consequências sociais da disseminação dessa nova tecnologia e para que as

peças compreendam como ela funciona. A ignorância voluntária das pessoas sobre como as coisas funcionam é perigosa; todos encaram a tecnologia como uma caixa preta que fornece soluções, mas que oculta os mecanismos de extração de valor.

Por exemplo, o grande patrimônio das empresas de tecnologia são os dados que entregamos voluntariamente a elas. Durante muito tempo, isso ficou obscuro; achávamos que a internet era de graça, mas, na verdade, estamos sendo, de certa forma, roubados. Trabalhamos de graça para essas companhias. Esse tipo de conclusão surge quando refletimos sobre essas tecnologias, e para isso precisamos de educação.

Infelizmente, os sindicatos hoje estão enfraquecidos, embora possam colaborar evidentemente. Eu sou sindicalista e membro da comissão de ética do sindicato dos jornalistas, no meu segundo mandato, há seis anos nesse cargo. A ideia de classe para o jornalista sempre foi problemática; o jornalista nunca se viu como classe, e isso está cada vez mais enfraquecido. Hoje, a ideia do trabalhador como classe também tem enfraquecido."

**Pergunta 6:** E sobre a criatividade, você acha que a inteligência artificial pode ser criativa como os humanos?

**Resposta de Rodrigo Ratier:**

"Como definimos a criatividade? Será que é possível dizer que as inteligências artificiais são criativas? O que é a criatividade, né? Eu acho que as inteligências artificiais trabalham muito bem com os gêneros já existentes. Elas são alimentadas com dezenas de milhões de reportagens, poesias, paródias, e tudo que podemos imaginar. Mas a capacidade humana de criatividade é a capacidade de invenção de novos gêneros, seja por meio de hibridismos dos que já existem, seja pela criação de coisas completamente novas. Até que ponto as máquinas conseguem ser criativas nessa criatividade mais pura, por assim dizer?"

Então, acho que esses três aspectos - o aspecto ético, o aspecto técnico relativo à apuração e o aspecto da criatividade - ainda são exclusivos das faculdades humanas. A inteligência artificial está menos forte nesses pontos. Não sei se isso tem a ver com a intensificação do movimento ou não, mas primeiro vamos procurar descrevê-lo. Vivemos hoje uma crise de credibilidade no jornalismo.

O jornalismo perdeu um monopólio que, talvez em algum momento histórico, teve, que é o da profissão sancionada e legitimada socialmente para fazer o relato e o comentário sobre o real. Isso coloca o jornalismo em uma crise de credibilidade, e essa crise vai impactar outras funções do jornalismo, como a função de poder fiscalizador."

